

SAL
9145
75.110

RES AMORES

OU

O GOVERNADOR DE BRAGA

DRAMA EM QUATRO ACTOS

POR

J. A. Burgain

REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DE S. PEDRO DE
ALCANTARA, NO ANNO DE 1848.



RIO DE JANEIRO

Á VENDA EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

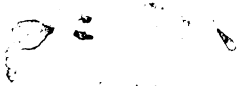
Rua da Quitandá, 77

SAL 9145.75.110



**HARVARD
COLLEGE
LIBRARY**

W. J. ...
over





L. A. Burghain

TRES AMORES

OU

O GOVERNADOR DE BRAGA

TRES AMORES

OU

O GOVERNADOR DE BRAGA,

DRAMA EM QUATRO ACTOS

POR

L. A. Burgain

REPRESENTADO PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DE S. PEDRO DE
ALCANTARA, NO ANNO DE 1848.



RIO DE JANEIRO

Á VENDA EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77

SAL 9145.75.110
DISTRIBUIÇÃO

PERSONAGENS.

ACTORES.

• FREI EUSEBIO	+ Os Srs. A. Gusmão.
• GOVERNADOR DE BRAGA	→ J. da Silva Reis.
• EDUARDO DE MENDONÇA	Pedro Joaquim.
• D. RODRIGO	+ Paula Dias.
• MATA-LOBOS	→ José Candido.
• JERONYMO, criado	Luiz Monteiro.
• MANOEL, camponez.	Manoel Soares.
• CARCEREIRO	Ramos.
• BENEDICTO.	Sra. D. Maria Soares.
• ANTONIO	N. N.
• UM HOMEM DO POVO	N. N.
• D. ISABEL DE MENDONÇA.	As Sras. D. L. S. da Costa.
• D. BRANCA.	D. G. de Vecchy.
• THEODORA	D. Maria Amalia.

Convidados , Guardas , Povo.

Cidade de Braga.— 1365.

UP
 LIL
 APR 25 1975

A QUEM LER

O drama *Tres Amores ou o Governador de Braga* é um dos mais felizes do autor. Em primeiro lugar, mereceu do conservatorio Dramatico uma approvaçãõ muito lisongeira. Representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, em beneficio da nossa insigne actriz a Sra. D. Ludovina Soares da Costa, foi recebido com um verdadeiro enthusiasmo, que não se desmentio nas numerosas vezes que foi ali repetido. Muito bem acolhido pela imprensa periodica á sua appariçãõ, mais tarde, e sendo já muito conhecido, teve as honras de um folhetim no *Diario do Rio*. Multiplicado por meio de cópias, em pouco tempo representou-se em todos os theatros do Brasil, desde o norte até o sul, com igual, ou antes com maior aceitaçãõ; porque, nas provincias, toma-se muito mais interesse pelas cousas theatraes do que na côrte. Aqui, muitas peças nascem; vivem e morrem em santa paz; ali, tudo é analysado, elogiado ou censurado.

Remataremos estas linhas com o extracto de uma carta dirigida á Sra. D. Gabriella de Vecchy pelo artista Luiz Antonio Monteiro, relativa á primeira representação na Bahia do drama *Tres Amores*.

« Levámos á scena o bello drama de Burgain, *Tres Amores*; não faz idéa do furor que produziu no publico. Isto foi na quinta-feira 26; no domingo 29, tinhamos o Costa e eu de fazer uma récita em nosso beneficio com a *Graça de Deos*, e espalhámos alguns programmas durante a representação dos *Tres Amores*, que eram cada vez mais applaudidos: cada acto era uma corôa de gloria para seu autor, e em cada final havia uma chuva de palmas e bravos ao autor e á companhia. Emfim, no desfecho do drama, foi tal o enthusiasmo, que me é difficil pintar-lh'o. Para lhe dizer tudo, invadiram a caixa do theatro, para nos pedir, ao Costa e a mim, que em vez da *Graça de Deos*, levássemos a repetição do mesmo drama: annuimos de muito boa vontade, e annunciámos no dia seguinte a mudança de espectáculo. Foi tal a influencia, que nesse mesmo dia, sexta-feira, ficámos sem bilhetes. E note, que no sabbado dava, como de facto deo, o seu primeiro espectáculo a companhia lyrica, depois de sete mezes que esteve parada, com a opera *Norma*. Nessa noite o theatro esteve vazio; e para o dia seguinte, que era nossa récita, já não havia um bilhete! »



O GOVERNADOR DE BRAGA

ACTO I.

O Duello.

Uma sala ao rez do chão, com tres portas ao fundo; por fóra, arvoredo.

SCENA I.

JERONYMO, *chegando.*

Emfim, eis concluidos todos os recados; e, enquanto estou só, tomemos uma folga. (*Pensativo.*) Coitados! coitados! ambos moços, ambos bellos; dous excellentes rapazes, e acabarem tão desgraçadamente! Um, morreo hontem; o outro, casou-se hoje. Ha dous dias que eu não vejo senão cousas tristes. (*Olhando para fóra.*) Oh! lá vem vindo o nosso pequeno travesso.

SCENA II.

JERONYMO, BENEDICTO.

BENEDICTO.

O Sr. Jeronymo!... De longe julguei que era alguém.

JERONYMO.

Obrigado! Sou algum cachorrinho.

BENEDICTO.

Não vos agonieis; bem vêdes que estou gracejando.

JERONYMO.

Ah! Sr. Benedicto!—Com que, destes o vosso passeio sozinho?

BENEDICTO.

Á fé que estou em muito boa companhia, quando estou só comigo.

JERONYMO.

Aposto como, na minha ausencia, me estivestes arrancando as minhas mais bellas flores, para as offerecer ás meninas da vizinhança, como é o vosso louvavel costume.

BENEDICTO.

Então, para que é que Deos creou as flores do campo, senão para ornamento daquellas outras flores mais formosas?

JERONYMO.

Eu digo — mais espinhosas.

BENEDICTO.

E o contrario pensais. — Sr. Jeronymo, porque vos não casais?

JERONYMO, *dando um pulo.*

Ai!

BENEDICTO.

Que tendes? Pisastes n'uma cobra?

JERONYMO, *grave.*

Mancebo, ha certas cousas, que nem é bom fallar-se nellas! . . .

BENEDICTO.

Comtudo, a Sra. Theodora

JERONYMO.

Fallai-me do diabo, mas nunca nessa mulher! — E, quanto aos vossos galanteios, cuidado, que o Sr. D. Pedro. . . .

BENEDICTO.

El-rei não está atraz de mim; além de que, o diabo não é tão feio como o pintam.

JERONYMO.

Já o vistes?

BENEDICTO.

O diabo?

JERONYMO.

Não ; el-rei.

BENEDICTO.

Não só o vi , como estive com elle.

JERONYMO.

Com el-rei ? !

BENEDICTO.

Em carne e osso. Ultimamente , estando elle no Porto , d'onde já regressou para Lisboa , o meu padrinho teve occasião de fallar-lhe ; e eu , a honra de beijar-lhe a mão.

JERONYMO.

A mão d'el-rei !

BENEDICTO.

Pois havia ser o pé ? — E deu-me dous sopapozinhos assim.

JERONYMO.

A mim , os havia dar com mais força. — Com que o vosso padrinho , aquelle Fr. Eusebio , falla com el-rei ?

BENEDICTO.

Não só elle , como qualquer que tenha alguma cousa a dizer-lhe.

JERONYMO.

Pois eu me persuadia que nunca abria a boca se não para mandar queimar , enforcar , ou descabeçar a gente.

BENEDICTO.

Bonita idéa fazeis do vosso soberano ! Com os culpados , sim , é implacavel : não perdôa o menor delicto ; mas os homens de bem , todos elles são seus amigos.

JERONYMO.

Folgarei de o ser , porém de longe ! — Já que fallamos no vosso padrinho , sabeis o que dizem por ahí ?

BENEDICTO.

Agora o saberei.

O GOVERNADOR DE BRAGA.

JERONYMO.

Dizem que é feiticeiro.

BENEDICTO.

Feiticeiro! o meu padrinho!

JERONYMO.

O vosso padrinho. E com effeito, é homemzinho que está em toda a parte, e não está em nenhuma. No mesmo momento em que se acha conversando com um sujeito no Prado, é encontrado por outro na Palmeira. Ainda ha pouco deixei-o no Rocio dos Remedios; e sabe Deos onde estará agora.

BENEDICTO, *apontando para outra sala.*

Ali.

JERONYMO.

Que dizeis?

BENEDICTO.

Jogando o xadrez com vosso amo.

JERONYMO.

É impossivel!

BENEDICTO.

Daqui o podeis ver.

JERONYMO.

Com effeito! é elle mesmo! — E então, eu não dizia?

BENEDICTO.

É, na verdade, singular; e o mais é que não é esta a primeira vez que o dizem.

JERONYMO.

Ha!?

BENEDICTO.

Já foi accusado por feiticeiro.

JERONYMO.

Sim? E o vosso padrinho?...

BENEDICTO.

Proveu que feiticeiro era o mesmo accusador.

O DUELLO.

JERONYMO.

E esta! — E o accusador?...

BENEDICTO.

Foi queimado.

JERONYMO.

Queimado! — Meu amigo, nada sei, nada vi, nada disse! — Queimado! — Quem é que disse que Fr. Eusebio era um feiticeiro? Quero vel-o! — Feiticeiro! Pobre homem! Cá por mim, Deos me livre de semelhante pensamento!

BENEDICTO.

Dizeis bem. Sabeis que el-rei não brinca com estas e outras cousas; e vou contar-vos... (*Fugindo.*) Oh! meu padrinho!

JERONYMO, *querendo tambem fugir.*

Com meu amo. Safa!

SCENA III.

D. RODRIGO, JERONYMO, FR. EUSEBIO.

RODRIGO.

O' Jeronymo!

JERONYMO.

Senhor.

RODRIGO.

Chega-te.

JERONYMO, *receioso.*

Mas....

RODRIGO.

Chega-te! c'os trezentos mil demonios! (*Ao frade.*) Perdoai-me, reverendo.

JERONYMO, *á parte, chegando-se pouco a pouco.*
Peior é esta!

RODRIGO.

Mais perto! (*Quer dar-lhe uma bengalada, mas não acerta.*)

JERONYMO, *dando um pulo.*

Ai! (*A' parte.*) Ainda bem que errou a pontaria!

RODRIGO.

É para te ensinar.— Com que, Sr. Jeronymo, estais agora feito um fidalgo, que vos acho mui descansado a dar com a lingua nos dentes, como quem não tem mais em que se occupe?

JERONYMO.

Senhor. . . .

RODRIGO.

Sentai-vos, Sr. fidalgo, sentai-vos; e conversemos, como bons amigos que nós somos. Maroto!

JERONYMO.

Perdoai-me, Sr. meu amo: uma vez não são vezes; e sabe Deos se me falta que fazer nesta casa. Vêde: jardineiro, correio, guarda-portão, moço de recados, picador, ajudante da cozinha, e etc. Eu sirvo para tudo.

RODRIGO.

Porque não prestas para nada. — E de mais, tenho a vosso respeito muito boas informações.

JERONYMO, *á parte.*

O que será?

RODRIGO.

Consta-me que andais namorando a torto e a direito.

JERONYMO.

Eu! meu amo! eu!

RODRIGO.

Theodora, sobretudo.

JERONYMO.

Theodora! uma mulher que trago nos dentes! que sou capaz de comer viva!!!

RODRIGO.

Assim será, assim será; mas, se te apanho, faço-te casar immediatamente

JERONYMO.

Meu rico amo ! juro por Deos que tudo não passa de mixericos , sem duvida assoalhados por aquella revelhusca , que me anda sempre atrás. Se ha no mundo uma cousa que abomino , é a carne ! E , quanto a casar-me (*Chorando , e ajoelhando.*) Meu bom amo ! ha quinze annos que vos sirvo com fidelidade ; e não me haveis-de querer recompensar , pregando-me tamanha surra !

RODRIGO.

Está bem , está bem ; retira-te. Mas hei-de ter um olho em ti ; e , se me causares em casa o menor escandalo

JERONYMO , *á parte , e sahindo.*

Ora , tomem-se lá com uma dessas ! (*Olhando para Fr. Eusebio.*) Pobre homem ! um feiticeiro !

SCENA IV.

D. RODRIGO , FR. EUSEBIO.

RODRIGO.

Perdoai-me , reverendo. — Nem ao menos , quizestes tomar a vossa desforra !

EUSEBIO.

Haveis desculpar-me , estou hoje tão distrahido . . . Sois muito apaixonado pelo xadrez.

RODRIGO.

É uma imagem da guerra

EUSEBIO.

E para um antigo militar , é natural que tenha muitos attractivos.

RODRIGO.

O máo é que nem sempre tenho quem jogue comigo , e vejo-me na necessidade de jogar só , o que é muito menos recreativo.

EUSEBIO.

Mas não se briga com o parceiro. — Ao menos, enquanto eu aqui estiver. . . .

RODRIGO.

Infelizmente, quasi nunca parais em casa.

EUSEBIO.

É verdade: gosto de ver muita gente, de praticar com uns e outros; de mais, o meu estado de saude requer de mim muito exercicio; e, em vez de fazer-vos companhia, só vim servir-vos de incommodo.

RODRIGO.

Incomodar-me! vós! um homem do vosso character, tão lido em toda a sciencia, que falla com tanto acerto sobre qualquer assumpto, (*A parte*) e que joga o xadrez! . . . (*Alto.*) Tanto me incommodais, que escrevi ao meu compadre de Lisboa, agradecendo-lhe o favor que me fez endereçando-vos á minha casa; e quanto mais tempo quizerdes ficarella, melhor!

EUSEBIO.

Mil vezes obrigado. — Os vossos jovens muito estendem o seu passeio.

RODRIGO.

Passeios de namorados, conversas de namorados, nunca aborrecem. . . . aos namorados.

EUSEBIO.

D. Isabel está com elles.

RODRIGO.

Outra namorada.

EUSEBIO.

Como?

RODRIGO.

Namorada de seu filho.

EUSEBIO.

É bem natural: viuva, com um filho unico.

◊ DUELLO.

RODRIGO.

E por certo que Eduardo lhe não fica atrás : nunca se vio filho mais respeitoso , mais amante. Excelente rapaz ! a quem ensinei. . . .

EUSEBIO.

O manejo das armas ?

RODRIGO.

E o xadrez. Será para minha Branca um excelente marido ; e para mim , um soffrivel parceiro ; pois está bem entendido que ha-de morar comigo , com sua mãe ; ao menos enquanto o não reclame o serviço da patria e d'el-rei.

EUSEBIO.

E então , qual outra familia apresentará o espectáculo de uma união mais tocante ? !

RODRIGO.

Oh ! lá quanto a isso. . . . Sabeis como chamam por ahi a minha casa ?

EUSEBIO.

A casa dos tres amores.

RODRIGO.

E na verdade , temos aqui reunidos , e no mais alto ponto , o amor materno , o amor filial , e o amor. . . Como chamaremos ao terceiro ?

EUSEBIO , *com um suspiro.*

O amor !

RODRIGO.

Pois seja. — Como ia dizendo , a mãe está doudo pelo filho ; o filho , doudo pela mãe ; os amantes , já se sabe , doudos um pelo outro ; e eu só hei-de ficar mais doudo do que elles todos.

EUSEBIO.

Como assim ?

RODRIGO.

Pois não sabeis que fizeram contra mim uma aliança offensiva e defensiva ?

EUSEBIO.

Com effeito !

RODRIGO.

E por mais que resista , por mais que grite , por mais que me faça terrivel , taes artes , taes carinhos sabem empregar , que fazem de mim tudo o que querem.

EUSEBIO.

Se sois tão bom !

RODRIGO.

Não quero ser bom ! c'os seiscentos mil. . . . Perdoai-me : é um velho costume. D'ora em diante , hei-de ser um tyranno, hei-de ser tão justiceiro como el-rei nosso senhor.

EUSEBIO.

Para isso , não vos acho o menor geito. E vós mesmo , que estais a fallar dos outros, se tanto amais vossa sobrinha. . . .

RODRIGO.

Eu ? Não o nego ; mas , o amor que lhe tenho não me faz cego ; e se fosse minha filha. . . . Mas é orphã ; é filha de minha pobre irmã, que deixou-m'a em testamento. . . . e bem vedes. . . . que não a posso tratar com muita severidade !

EUSEBIO.

Nem vos achava a menor razão.

RODRIGO.

Bravo ! tambem vós ! Aposto como já vos metteram no seu partido ! Se todos se conspiram contra mim ! — Pois sabereis que ella tem defeitos , e grandes ! Por exemplo , aquelle character tão resolutto. . . .

EUSEBIO.

Temperado com tanta brandura !

RODRIGO.

É verdade ! — Mas , aquella imaginação. . . . não sei como lhe chame. . . . aquella exaltação. . . .

EUSEBIO.

Aquélle enthusiasmo que lhe inspira tudo quanto é grande e generoso !

RODRIGO.

Sim ; isso tudo faz de minha sobrinha. . . .

EUSEBIO.

Um ente privilegiado.

RODRIGO.

Parece-vos ?

EUSEBIO.

Capaz de todas as dedicações , capaz de sacrificar-se por seu esposo , por seus filhos , por vós mesmo.

RODRIGO.

Oh ! tendes razão ! pois vêde , cá entre nós , é um anjo ! — Pobre menina ! e pensar que por pouco não ficou viuva antes de ser casada !

EUSEBIO.

Explicai-vos.

RODRIGO.

Eis o caso. Vai para seis mezes que aqui chegou-nos um mancebo castelhano , a quem chamavam o cavalleiro Henrique. Vinha recolher uma herança consideravel , que lhe deixára um parente remoto. Esse cavalleiro teve occasião de encontrar-se com minha Branca , e quiz a desgraça que ella lhe inspirasse a mais violenta paixão. Julgando que lhe não seria impossivel conquistal-a , começou de assestar as baterias ; mas a praça já estava occupada por outro ; e , depois de varios assaltos mallogrados , força lhe foi tocar a retirada. Ora , sabereis que o tal cavalleiro Henrique é o homem de genio mais violento , mais arrebatado que eu conheço : qualquer cousa o põe fóra de si ; e , á menor resistencia , perde o accordo , a nada attende , nada respeita. Um dia,

encontrando-se com seu feliz rival , e em presença de alguns amigos , rompeo em certas graças pesadas , em que minha propria sobrinha não foi poupada !!!

EUSEBIO.

Cobarde ! e intitula-se cavalleiro !

RODRIGO.

O resultado , já sabeis.

EUSEBIO.

Um duello !

RODRIGO.

Pois qual havia de ser ? !

EUSEBIO.

Apezar da severidade das leis , da severidade d'el-rei ?

RODRIGO.

Sim ! apezar disso tudo ; porque não ha lei nem rei que possam obrigar um homem , um militar , a tragar uma injuria ! E se Eduardo se não batesse , eu lhe quebraria a sua espada , expulsal-o-hia da minha casa ; e , apezar dos meus sessenta , e da gotta addicional , eu mesmo iria desaggravar a honra do meu sangue !

EUSEBIO.

E depois , na vossa idade , seguindo caminho do desterro

RODRIGO.

Encostado á minha Branca.

EUSEBIO.

Os vossos bens confiscados.

RODRIGO.

Até podiam confiscar minha cabeça em beneficio do carrasco ! mas minha honra , a honra de um soldado portuguez , não ha machado que m'a possa decepar !!!

EUSEBIO.

Muito bem ! muito bem ! D. Rodrigo. Mas , prudencia !

RODRIGO.

Eu fallo com meu amigo.—Emfim , bateram-se ; e Eduardo . . . ferido , desarmado . . . Mas isso o que tem ? Portou-se como devia ; e o mais , é sorte das armas.—Pobre mãe ! julguei que morria : a vida tinha-se-lhe esvaído pela ferida do seu filho.

EUSEBIO.

E a justiça , não tomou conta do negocio ?

RODRIGO.

Não ; tudo foi abafado , graças á indulgencia , á compaixão do Sr. Governador — excellente homem ! — posto que , de alguns mezes para cá , tem se tornado muito melancolico , muito recolhido em si. Fui agradecer-lhe com D. Isabel , e com minha sobrinha , que elle nunca tinha visto. Desde então , faz-me a honra de frequentar a minha casa ; e , hoje mesmo , é provavel que o tenhamos aqui.

EUSEBIO.

Folgarei de o conhecer.— E o cavalleiro Henrique ?

RODRIGO.

Deixou um procurador encarregado dos seus interesses , e desapareceu. É natural que regressasse para a Hespanha.— E o pobre Eduardo , seis semanas de cama.

EUSEBIO.

Durante as quaes não lhe faltariam cuidados.

RODRIGO.

Com as duas enfermeiras que elle tinha . . .

EUSEBIO.

Vêde ; eil-as que chegam com seu enfermo.

RODRIGO.

Que já está são como um pero.

SCENA V.

OS MESMOS, EDUARDO, D. ISABEL,
D. BRANCA.

(*Chegam de braço dado.*)

RODRIGO.

Ora graças a Deos!

ISABEL.

Emfim! eis-nos chegados.

RODRIGO.

A boas horas!

BRANCA.

Meu bom tio! é verdade que muito nos demorámos.

EDUARDO.

O passeio era tão bello!

RODRIGO.

Sim, hein?

BRANCA.

E estaveis em tão boa companhia.

(*Fr. Eusebio corteja.*)

RODRIGO.

E a vossa que não era das peiores.— Ao menos, não apanhaste sol?

BRANCA.

Nenhum, meu tio.

EDUARDO.

Sempre andámos pela sombra.

ISABEL.

Bem sabeis que comigo não ha cuidado.

(*Branca, Eduardo e Isabel fallam de parte, em voz baixa.*)

RODRIGO, *baixo, ao frade.*

Olhai! já estão tramando alguma cousa!

BRANCA.

Quem ha-de tomar a palavra !

ISABEL.

Eu não.

BRANCA.

Nem eu.

EDUARDO.

Eu bem quizera ; mas . . .

BRANCA.

Mas o que ?

ISABEL.

Quem teve a primeira lembrança ?

BRANCA.

Não fui eu.

EDUARDO.

Nem eu.

ISABEL.

Menos eu.

EDUARDO.

É melhor que Branca. . . .

BRANCA.

Sempre Branca ! Desta vez recusa-me.

EDUARDO.

Não é capaz !

ISABEL.

E tinha que havel-a com nós tres.

EDUARDO.

Vamos ! a união faz a força.

BRANCA.

Eu me sacrificio pelo bem da republica. — (*Chegando-se para o tio, com modos fagueiros.*) Meu bom tio. . . .

RODRIGO, ao frade.

Então, eu não disse ? !

BRANCA.

Se quizesseis. . . .

RODRIGO.

Não quero.

BRANCA.

Não sabeis o que vou pedir-vos.

RODRIGO.

Mas já sei que não hei-de querer.

ISABEL.

Sr. D. Rodrigo, nunca vos vi tão rígido!

RODRIGO.

Tudo tem começo.

EDUARDO, *a Isabel.*

Que barbaro!

KUSEBIO.

Meu amigo!...

RODRIGO.

Se já sei que ha-de ser algum desproposito!

EDUARDO.

Oh! pelo. ...

RODRIGO.

Não tens a palavra!

BRANCA, *chorosa.*

Está bem; já que nem ao menos me quereis ouvir. ...

RODRIGO, *á parte.*

Estou envergonhado de minha crueldade.

BRANCA.

Eu desisto. ... e contudo. ...

RODRIGO.

Ora pois, dize sempre; mas, desde já, podes contar com um *não* bem liso e desenganado.

EDUARDO, *á parte.*

É o que nós havemos de ver!

BRANCA.

O Sr. Eduardo e eu. ...

Bom começo !

RODRIGO.

EDUARDO.

Desejavamos ter á noite . . .

RODRIGO.

O que ?

ISABEL.

Um baile campestre .

RODRIGO.

Um baile ! E então ! eu não dizia ? Um baile ! Onde vão elles buscar semelhantes lembranças ? Um baile ! entre vós tres , pois já é tarde para mandar convites ; e não é de suppôr que o reverendo e eu . . . Um baile ! (*Com gargalhadas.*) Pois sim ! podem começar ! Vão buscar-me qualquer instrumento , que hei-de fazer uma orchestra digna da danza !

EDUARDO.

Logo mais , temos D. Affonso

RODRIGO.

D Affonso ! o Sr. Governador ! outra ! O homem mais sisudo , o homem mais serio deste paiz , a bambolear-se , saracotear os quadris , e dar pulos e pernadas com dous estouvados ! Ai ! que eu arre-bento !

BRANCA.

Com alguns convites que deixámos pelo caminho

RODRIGO.

Convites ! sem minha autorisação ! É uma rebelião aberta !

EUSEBIO.

O trama já tem muitas ramificações .

ISABEL.

Contaram com a vossa costumada bondade.

RODRIGO.

Pois fizeram a conta sem a estalajadeira. — E vós.

D. Isabel de Mendonça, minha amiga de tantos annos; vós, a quem conduzi pela mão, quando tinheis cinco annos. . . . (*Ao frade.*) C'os diabos! isto não me faz muito moço! — Vós, feita um caudilho, um chefe de partido, conspirada contra a minha autoridade!

ISABEL.

Perdoai-me; não sou mais que confidente.

BRANCA.

Não sendo do gosto do meu tio, mandam-se desconvidar.

RODRIGO.

É o que resta a fazer.

ISABEL.

Não haveis-de ser máo.

RODRIGO.

Hei-de, hei-de.

EDUARDO.

Era tão lindo!

BRANCA.

Dansar sobre a relva!

EDUARDO.

Por uma noite destas!

BRANCA.

Ao clarão da lua e das estrellas!

RODRIGO.

A lua e as estrellas foram feitas para allumiar a gente enquanto dorme.

EDUARDO.

Senhor!. . .

RODRIGO.

Cala-te!

ISABEL.

Meu amigo!

RODRIGO.

Não!

Meu tio !

BRANCA.

Estou surdo !

RODRIGO.

Por quem sois !

EDUARDO.

Vamos ! vamos !

EUSEBIO.

Deixem-me !

RODRIGO.

Hei-de aprender o xadrez !

BRANCA.

Tu ? !

RODRIGO.

Eu mesma !

BRANCA.

EDUARDO.

Eu sou quem lh'o ha-de ensinar !

RODRIGO, *com desprezo.*

Tu ! que mal sabes para ti ! — Porém. . .

TODOS, *supplicantes.*

Sr. D. Rodrigo !

RODRIGO.

Está bom ! está bom ! não me afoguem !

EDUARDO.

Victoria ! victoria !

RODRIGO.

Meu reverendo, no meu tempo, já me aconteceu pelear com dous mouros, e ficar de cima; mas com duas mulheres!.. ..

EDUARDO, *a Jeronymo que vem entrando.*

Jeronymo ! um cavallo !

RODRIGO.

Para que ? Queres dansar a cavallo ?

EDUARDO.

Corro á cidade; vou buscar a musica, a quem já mandei dizer que estivesse prompta.

RODRIGO, *furioso*.

A musica! tambem a musica! já avisada! sem saberem se eu havia de consentir!... Oh! sendo assim... então.... (*Como quem toma o seu partido*)
Viva a alegria!

EDUARDO, BRANCA.

Viva a alegria!

EUSEBIO.

Oh! que tyranno que vós sois!

RODRIGO.

Hoje não; mas amanhã... vereis!
(*Rodrigo falla em voz baixa com o frade, e Eduardo com Branca. Entretanto Jeronymo chega-se para D. Isabel.*)

JERONYMO.

Senhora, hoje, uma legua acima de Barcellos, foi encontrado....

ISABEL.

Quem?!!

JERONYMO.

O cavalleiro Henrique.

ISABEL.

Céos! Henrique!

JERONYMO.

E amanhã, chega á cidade.

ISABEL.

Amanhã!!! — Obrigada. (*Alto.*) Se entrassemos para dentro?

RODRIGO.

Dizeis bem. Estou cansado da luta; já me não posso ter em pé. — Branca, manda servir algum refresco. — (*Ao frade.*) E se quizerdes tomar vossa desforra, dou-vos.... duas peças!

EUSEBIO.

Não ha que resistir.

ISABEL.

Eu vos sigo. Tenho que dizer duas palavras a meu filho.

SCENA VI.

D. ISABEL, EDUARDO.

ISABEL.

Eduardo ! appareceo o cavalleiro Henrique.

EDUARDO, *levando a mão á espada.*

Henrique !!!

ISABEL, *assustada.*

Eduardo ! Meu filho ! — Sim , foi encontrado ; e amanhã. . . .

EDUARDO.

E em que póde interessar-vos ?

ISABEL.

Em que póde interessar-me ! Tu m'o perguntas ? Mas não sabes que um segundo encontro me mataria ?

EDUARDO.

Minha mãe, socegai. Quem vos diz. . .

ISABEL.

Eduardo ! has-de fazer-me uma promessa , um juramento.

EDUARDO.

Fallai.

ISABEL.

Jura que has-de evitar o cavalleiro Henrique.

EDUARDO.

Evital-o ! — Minha mãe, se quereis que vos obedeça , não me peçais cousas impossiveis.

ISABEL.

Meu filho! meu Eduardo, bem sei que é para ti um sacrificio; mas, quem t'o pede, é tua mãe; e aponta-me um unico que eu não seja capaz de te fazer!

EDUARDO.

Oh! pedi-me que renuncie á vida, que renuncie á immensa felicidade que me espera; mas, não haveis-de exigir uma cousa indigna de mim, indigna de vós, indigna de meu pai!

ISABEL.

Ah! elle m'o ha-de matar! — Escuta-me, Eduardo. Ainda no estio da vida, vi cahir em torno de mim, ou dispersar-se, todos os entes a quem amava. Meus pais, mortos; meus irmãos, mortos; meu esposo, teu pai, um bom e valente cavalleiro como tu, tambem morto, morto longe de mim, no campo da batalha! — Este ultimo golpe acabou de despedaçar-me o peito. Eu tambem queria morrer; mas, volvi os olhos para ti, para ti, meu Eduardo, que me sorrias em teu berço! Então, tomei-te em meus braços, cingi-te a meu seio, cobri-te de beijos, e exclamei: Não! não estou só no mundo; ainda me resta um filho, uma viva imagem do seu pai; ha-de enxugar as minhas lagrimas; ha-de consolar-me de tudo quanto perdi. . .

EDUARDO.

Minha mãe!

ISABEL.

E agora, agora que só tu me restas, por um miseravel ponto de honra, queres expôr-te a uma morte que quebraria o ultimo laço que me prende á vida! — Mas não! não queres a minha desgraça, não queres a minha morte; e has-de fazer-me o juramento que te peço!

EDUARDO.

Minha mãe! juro-vos que não hei-de procurar.

Mas, evital-o! depois de ser vencido por elle! fugir como um cobarde! Antes a morte!

ISABEL.

Pois bem! já que te não podem dobrar as minhas supplicas, já que não te mereço um sacrificio, eu partirei daqui; sahirei de Portugal; e veremos se tens a crueldade de me deixar ir só!

EDUARDO.

Eu vos seguirei! — Mas Branca, minha mãe; Branca, vossa filha, quereis separar-me della? quereis de um só golpe aniquilar. . . .

ISABEL.

Acaba! — Toda a tua felicidade — porque eu. . . Ingrato!

EDUARDO.

Perdão! perdão! minha mãe. Se meu coração está dividido entre dous affectos, em primeiro lugar está minha mãe; e Branca não m'o póde tomar a mal. Porém, ambas, sois tão indispensaveis á minha existencia, como este ar que eu respiro. Separar-me della, separar-me de vós, não posso sem que este coração se despedace!

ISABEL, á parte.

Meu Deus! é possível que eu tenha ciumes do meu filho! Bem o conheço; sua vida, seu amor, tudo é capaz de sacrificar-me; tudo. . . menos aquillo que os homens chamam sua honra. E se o visse desgraçado, que seria de mim? (*Fica pensativa.*)

EDUARDO, á parte.

Que intentará?

ISABEL, á parte.

Sim! sim! É este o unico meio. (*Alto.*) Eduardo, estou satisfeita de ti. Serás feliz, feliz com tua Branca, e eu o serei com vossa felicidade. O mais, fica por minha conta.

EDUARDO.

Mas como. . . ?

ISABEL.

Nada me perguntes.

EDUARDO, *á parte.*

Sabel-o-hei.

SCENA •VII.

OS MESMOS, BRANCA.

BRANCA.

D. Isabel, deixai ir o Sr. Eduardo: quanto mais breve partir, mais breve voltará.

ISABEL.

Dizes bem. Mas, que necessidade? Não pôde o Jeronymo. . . . ?

EDUARDO.

Se quizermos o baile á meia noite. . . .

BRANCA.

Ou pela madrugada.— Mas, que motivo? . . .

ISABEL.

Eu sei! . . .

EDUARDO, *sorrindo.*

Oh! minha mãe!

ISABEL, *á parte.*

Só chega amanhã.— (*Alto.*) Anda, pois. Sobre-tudo não te demores em caminho!

EDUARDO.

Emfim! (*A Branca.*) Eu corro; vou recuperar o perdido. . . .

ISABEL, *em tom de branda reprehensão.*

O perdido!

EDUARDO.

Perdão! minha mãe; não sei o que digo; sou um louco. (*Beija-lhe a mão.*)

ISABEL, *beijando-o na testa.*

És mesmo um doudo ; mas, eu te gosto assim mesmo.

EDUARDO, *a Branca, querendo beijar-lhe a mão.*

Senhora . . . ser-me-ha licito . . .

ISABEL.

Vamos, eu permitto. Não sou mãe de ambos ?

BRANCA.

Vamos, pois, cavalleiro ; um joelho no chão !
(*Eduardo beija-lhe a mão tres ou quatro vezes.*) Está bom ! já basta !

EDUARDO.

Boa mãe, querida Branca, já sou comvosco !
(*Parte.*)

SCENA VIII.

D. ISABEL, D. BRANCA.

BRANCA, *querendo levar Isabel para dentro.*
E agora . . .

ISABEL.

Branca ! Henrique voltou !

BRANCA.

Que dizeis !

ISABEL.

Amanhã, chega á cidade !

BRANCA.

Desgraça ! desgraça !

ISABEL.

Oh ! nada temas ! porque aqui tambem estou. Eu sou mulher, eu sou mãe ; e nós outras, mulheres, não entendemos a honra á maneira dos homens ; não a fazemos consistir em arrancar um esposo á sua esposa, um pai a seus filhos, um filho á sua mãe ! Nós outras mãis, a nossa gloria, a nossa

dita , a nossa vida , são nossos filhos ! — Amanhã , eu mesma irei ter com esse cavalleiro Henrique ; eu irei armada com minha fraqueza , com minhas supplicas . Se fôr preciso , rojar-me-hei a seus pés , bannhal-os-hei com minhas lagrimas . Henrique tem uma mãe : ha-de ouvir-me ; ha-de comprehender-me ; não me ha-de matar o meu filho ! ! !

BRANCA.

Oh ! foi uma inspiração do céu !

ISABEL.

E amanhã , aqui mesmo , quero que os vejas reconciliados , que os vejas abraçados ; e então , só prazer , só amor , só alegrias !

BRANCA.

Sim ! o coração me está dizendo que tudo haveis-de conseguir . É quem , quem vos poderia resistir ? Oh ! sois o nosso anjo da guarda .

ISABEL , *sorrindo tristemente.*

Um anjo de trinta e seis annos ! Mas , o coração não cria rugas . (*Affastando-se com Branca.*) Sobre-tudo , nada digas a teu tio , que elle com seu genio tão guerreiro (*Desapparecem.*)

SCENA IX.

JERONYMO.

Ainda estou todo atarantado do que acaba de contar-me o moço Benedicto das ultimas justicas d'el-rei . Safa ! é muita justiça de mais ! — Queimar uma mulher por haver enramalhado a cabeça do seu marido , não é muito mal feito , não . Mas , descabeçar a um sujeito porque matou quem ? — Um Judeo ! — Pendurar na forca um miseravel escrivão , por ter obedecido ao seu instincto , surripiando onze libras e meia ! — E , o que muito mais é , obrigar um coitado a casar com uma rapariga por

ter usado com ella certas familiaridades de que resultaram certos inconvenientes! — Eis ahi, eis ahi o que são cousas deste mundo! Hoje, está um pobre homem alegre, cheio de vida e saude; e amanhã, dá comsigo deitado n'uma cova, ou ao lado de uma mulher, e mulher sua! — Se el-rei assim continuar, dentro em pouco não haverá mais em Portugal um só tratante, um só libertino, uma unica marafona. E então, que será da justiça? de que viverá a justiça? Que remedio terá ella senão andar roubando pelas estradas? — E pensar que eu mesmo, por causa daquella maldita... (Horrorizado.) Casar-me! casar-me!

SCENA X.

JERONYMO, THEODORA.

THEODORA.

Sr. Jeronymo!

JERONYMO, *benzendo-se.*

Vade-retro a Satana! Uma mulher! Cruz!

THEODORA.

Que é lá isso? Está doudo? Escute.

JERONYMO, *pondo uma mesa entre elle e ella.*

De longe, se quizer! Sei das suas alicantinas, e já lhe desmanchei a igrejinha; mas, pelo tempo que corre, bastava que me vissem conversar de perto e a solas com Vm., para me pôrem na dura alternativa de ser enforcado, ou de casar com vossa merecé.

THEODORA, *chocareira e resentida.*

E já se sabe que, em tal caso, escolhia....

JERONYMO.

De dous males o menor: a corda!

THEODORA.

Brejeiro! assim é que me paga tantas finezas?!

JERONYMO.

Far-me-ha muito favor , privando-me dellas.

THEODORA.

Ora vejam-me aquelle velhaco , aquelle desatado....

JERONYMO.

Está bem bom !

THEODORA.

Aquelle bananzola....

JERONYMO.

Gosto disto !

THEODORA.

Aquelle forragaitas....

JERONYMO.

Melhor !

THEODORA.

Aquelle peixe podre. . . .

JERONYMO.

Tomára Vm. metter-lhe o dente.

THEODORA.

Aquelle.... já não sei como lhe chame !

JERONYMO.

Tudo me poderá chamar , menos seu marido.

THEODORA.

A torcer-me o nariz , a fazer-me trombas , a mim !

JERONYMO.

Sim , sim , a Vm.

THEODORA , *querendo dar-lhe uma bofetada por cima da mesa.*

Toma !

JERONYMO , *evitando-a.*

Tivesse o braço tão comprido como a lingua.

THEODORA.

Deixe estar. — Ainda bem que as justiças d'el-rei ,

contra aquelles que peccam contra o sexto, vão principalmente recahindo em homens; que todos elles são uns frascarios, uns luxuriosos!

JERONYMO.

Menos eu! que todo o meu luxo está em comer, beber e dormir, e em não conjunctar-me nem com Vm., nem com outra qualquer.

THEODORA, *á parte.*

Eu te direi se não has-de casar comigo!

JERONYMO.

E diga-me Vm. . . . de longe! — Se todos esses peccadores não achassem peccadoras para peccarem com elles, haviam de peccar sozinhos?

THEODORA.

E se as mulheres desinquietaas não achassem desinquietaadores para as desinquietaar, haviam desinquietaar-se sozinhas?

JERONYMO.

E a mulher do Affonso André, que foi queimada por adultera, era homem?

THEODORA.

E o Martins Pereira, que foi dependurado, por ter arrebatado uma menina do Mercado, era mulher?

JERONYMO.

E a sujeita, que levou cinco duzias de açoutes, por ser achada de noite no arrabalde dos Mouros; hein?

THEODORA.

E o capitão Lançarote, que, se não foge, tiram-lhe a cabeça fóra, por ter seduzido a uma pobre senhora casada; hein?

JERONYMO.

E a mulher honrada, que foi garroteada, por ter arranjado toda aquella endiabrada moxinifada; hein?

THEODORA.

E o fradinho, que foi serrado n'um cortiço? Ah!

JERONYMO.

E a beatona, que foi condemnada em quinze annos de prisão perpetua? Hu!

THEODORA.

E o escudeiro Affonso Madeira, sabe o que lhe aconteceu, por ter enfeiticado uma innocentinha, chamada Catharina Toce?

JERONYMO.

Desta, ainda não sei.

THEODORA.

Foi... (*Diz-lh'o ao ouvido.*)

JERONYMO.

Santo Breve da Marca!

THEODORA.

E dizem que está engordando, que é uma maravilha.

JERONYMO.

Quero antes ser magro como um gafanhoto, do que engordar por tal preço!

THEODORA, *á parte.*

D. Branca! — (*Alto.*) Pois, Sr. Jeronymo, se arde por mim, se quer casar comigo, falle com os nossos amos.

JERONYMO.

Hein? que é que está dizendo?

SCENA XI.

OS MESMOS, D. BRANCA.

BRANCA.

Ah! tambem por ahi se trata de casamento!

JERONYMO.

Qual casamento, minha senhora!?

THEODORA.

Ora , como se faz de novas ! Não seja tolo. Já que nossa ama tudo ouviu , para que mais segredo ?

JERONYMO.

Qual segredo , nem meio segredo !

THEODORA.

Não me dê d'olho !

JERONYMO.

Ah ! maldita ! Eu disse que queria. . . .

THEODORA.

Não quer casar ? — (*Chorando.*) Então , para que está Vm. desinquietando. . . .

JERONYMO.

Eu ! mulher !

THEODORA.

Uma pobre donzella. . . .

JERONYMO.

A donzella Theodora ! quando ella mesma. . . .

BRANCA.

Com que , temos em casa um seductor ?

JERONYMO.

Um seductor ! o Jeronymo ! um seductor ! Ora , minha senhora , olhai para esta cara , e dizei-me se é cara de um seductor.

THEODORA.

Sim , é muito feio ; mas aquelles olhos , aquella labia ! . . .

BRANCA.

Um homem que eu julgava tão honesto !

THEODORA.

Fiem-se lá nas apparencias !

JERONYMO.

Não vedes , minha senhora , que aquella praga quer dar comigo na fogueira ! — O' boca de mentiras ! quero que me diga onde , quando e como a desinquietei !

THEODORA.

Pois eil-o ahi vai.— Minha senhora , não póde estar sem mim um só momento. Não dou uma ida ou venida , que o não tenha logo nos calcanhares. Está sempre a contar-me finezas , a quebrar-me uns olhos. . . . tão ternos ! e solta para mim uns ais. . . Ai !

BRANCA.

De véras !

JERONYMO.

O' demonio ! demonio !

THEODORA.

E se quereis uma prova. . . .

BRANCA.

Vamos lá.

THEODORA.

Hontem á noite , tanto batalhou comigo , para que lhe dêsse um penhor do meu affecto , que não houve remedio senão dar-lhe. . . .

JERONYMO.

O que ?

THEODORA.

O meu lenço bordado.

BRANCA.

Bravo ! bravo ! Sr. Jeronymo !

JERONYMO.

É falso ! falsissimo ! O' mulher ! ó serpente ! ó diabóa ! tens cara , tens boca , tens lingua , para sustentar nas minhas barbas , nas barbas de nossa ama , que eu te pedi , e que me déste , a mim , Jeronymo , algum lenço bordado , ou não bordado !

THEODORA.

Sim ! sim ! e senão. . . . *Avança para elle.*)JERONYMO , *encolhendo-se e arripiando-se.*

Não me toques !

THEODORA, *tirando-lh'o do bolso.*

Dize, dize agora que não!

JERONYMO.

Estou de queixo cahido.

BRANCA.

E tinha o descaramento de o negar!

JERONYMO.

Minha senhora! juro-vos, por quantos santos ha no Paraiso, que nunca lhe pedi, nem ella me deu, semelhante trapo!

THEODORA.

Então, furtou-m'o.

JERONYMO.

Aposto como ella mesma. . . .

BRANCA.

Sr. Jeronymo! sois um poço de perversidade!

JERONYMO.

Eu protesto. . . .

BRANCA.

Calai-vos! Eu deveria. . . Porém não; ainda me interesse por vós.

JERONYMO.

Senhora! . . .

BRANCA.

Sereis feliz, porque meu tio. . . .

JERONYMO.

Mas, minha senhora! . . .

RODRIGO, *chamando de fóra.*

O' Jeronymo!

THEODORA.

Ouves?

JERONYMO.

Lá vou! — Eu vos supplico. . . .

BRANCA.

Pois sim! casareis quanto antes.

JERONYMO.

Mas eu , senhora. . . .

RODRIGO.

O' Jeronymo ! queres que te vá buscar !

JERONYMO.

Lá vou ! sim senhor ! — Por quem sois. . . .

BRANCA.

Já te disse que de tudo me encarrego.

JERONYMO.

Mas este casamento. . . .

RODRIGO.

O' Jeronymo ! ó tratante ! ó inferno !

JERONYMO.

Lá vou ! lá vou ! (*Ainda faz um gesto supplicante a Branca, e corre.*)

THEODORA, *indo atraz delle, e em meia voz.*
Ha-de casar ! ha-de casar !

JERONYMO, *voltando-se de repente e com força.*
Não hei-de casar !!! (*Sahe.*)

SCENA XII.

(*Escurece gradualmente.*)

D. BRANCA.

Pobre Jeronymo ! o homem que eu julgava menos susceptivel de apaixonar-se ! (*Pausa.*) Quanto , quanto me tarda ver raiar o diá de amanhã ! Oh ! sim ! foi mesmo uma inspiração do céo ! — Por mais violentos que sejam os ciumes , o rancor do cavalleiro Henrique , é impossivel que não ceda ás supplicas , ás lagrimas de uma mãe ; e esse fatal receio , que , assaltando-me a cada instante , vinha amargurar todas as horas da minha existencia , amanhã ve!-o-h ei desvanecido ! — Quão bella vai a tarde !

que socego ; que brisa tão suave ! O céu , sem uma nuvem ! — perfeita imagem da minha felicidade , tão pura , tão immensa como elle ! — Oh ! que porvir ! tantos dias , tantos annos com Eduardo o sempre com Eduardo ! E depois , lá , n'um futura bem remoto , uma morte serena como a vida , umer breve separação ; e ainda , terei a dita de morrer primeiro que Eduardo , nos braços , sobre o peito de Eduardo . . . — Eduardo . . . Eduardo ! . . . Oh ! não ! não sabes nem podes saber quanto és de mim amado ! — Estou só . . . ninguem me escuta , ninguem me olha . . . Posso pensar em ti , sem ver assomar um sorriso nos labios de tua mãe e de meu tio . Posso repetir o teu nome , conversar livremente contigo , dizer-te , a ti ausente , o que nunca ousára dizer-te se estivesse a meu lado . . . Eduardo ! eu te amo ! eu te amo !

SCENA XIII.

D. BRANCA , EDUARDO ; depois D. ISABEL , D. RODRIGO , FR. EUSEBIO , JERONYMO , THEODORA , BENEDICTO .

EDUARDO , *espavorido , sem espada nem chapéo.*

Branca !

BRANCA , *assustada.*

Ah !

EDUARDO .

És tu ? !

BRANCA .

Que tens ?

EDUARDO .

Estou perdido .

BRANCA ; e ISABEL , *que chega.*

Perdido !

EDUARDO.

Minha mãe !

ISABEL.

Que tens ? que fizeste ? que acontece ?
*(Chegam D. Rodrigo , Fr. Eusebio ; e logo ,
 Jeronimo , Theresa e Benedicto.)*

RODRIGO.

Falla !

EDUARDO.

Meu Deos ! compadecei-vos della !

ISABEL.

Eduardo ! não vês que me matas !

EDUARDO.

Oh ! Deos me é testemunha de que o não pro-
 curava !

ISABEL.

Henrique !

BRANCA.

Um duello !

EDUARDO.

Sem testemunhas !

TODOS.

Céos !

ISABEL.

Estás ferido !

EDUARDO.

Não ! não ! — Socegai ! — Provocado ... ata-
 cado !

ISABEL, BRANCA.

E Henrique ? !

EDUARDO.

Morto !

TODOS.

Morto !

ISABEL.

Ah ! desgraçado !

SCENA XVI.

OS MESMOS, O GOVERNADOR; depois,
povo; alguns com archotes accesos.

GOVERNADOR.

Eduardo! Eduardo! que fizestes?!

EDUARDO.

Defendi-me.

GOVERNADOR.

Sois accusado. . . .

EDUARDO.

De um duello.

GOVERNADOR.

De um assassinato!

TODOS.

Um assassinato!!!

ISABEL, BRANCA.

Eduardo!

ISABEL.

Meu filho!

EDUARDO.

Defendi-me! matei-o! mas não o assassinei!

GOVERNADOR.

Embora! o mais certo é subtrahir-vos. . . .

EDUARDO.

Fugir!

ISABEL.

Ah! sim! partamos!

EDUARDO.

Nunca!

GOVERNADOR.

Já é tarde!

(Chega povo. Pouco depois, apparece no fundo
o cadaver de Henrique, trazido n'umas andas por
dous homens.)

ISABEL.

Meu Deos ! meu Deos !

EDUARDO, *aos que chegam.*

Meus amigos ! chegai-vos ! chegai-vos todos !
Vós me conheceis.... Qual entre vós é capaz de
dizer que o cavalleiro Henrique morreu assassinado ?!

TODOS, *avancando.*

Eu !

EDUARDO.

Vós !!!

UM HOMEM.

Conheceis esta espada, que ainda goteja sangue ?

EDUARDO.

Sim ! é a minha !

HOMEM.

Ao lado do cadaver, achámos outra ; mas essa,
estava na baihna.

TODOS.

É verdade !

GOVERNADOR, *á parte.*

Está perdido !

BRANCA.

Eu morro ! (*Deixa-se cahir nos braços de Theo-
dora, que a faz sentar.*)

EDUARDO.

Branca ! Branca ! (*Quer correr para ella ; e re-
parando em Isabel, que dá indicios de desvario :*)
Minha mãe ! — Oh ! que tudo isto é obra do in-
ferno !!!

*(Trazem o cadaver.)*EDUARDO, *espavorido.*

Henrique ! Henrique ! — Mas, talvez ainda res-
pire ! Henrique ! falla ! dize ! (*Recua horrorizado.*)
Horror ! horror !...

UM HOMEM.

Vede ! o sangue que jorra da ferida , e clama justiça !

POVO.

Justiça ! justiça !

GOVERNADOR.

Eduardo ! estais preso.

ISABEL, *como tornando a si.*

Preso !!! quem ? elle ! meu filho ! o filho de seu pai ! accusado por assassino ! preso por assassino ! Meu filho ! meu Eduardo ! um assassino ! um assassino ! um assassino !!! (*Cahe.*)

EDUARDO, *ajoelhando ao pé de Isabel.*

Minha mãe ! minha mãe ! sou innocente !!!

GOVERNADOR.

Infeliz ! — D. Rodrigo , aproveitai-vos do seu estado , para separal-a do seu filho. — Muito me pesa ! mas hei-de cumprir o meu dever. — Á torre do Castello ! Até nova ordem , ninguem poderá comunicar com o preso ; ninguem !

EUSEBIO, *avançando dous passos.*

Menos eu !

GOVERNADOR.

Vós !!!

(*Fr. Eusebio puxa por um papel, que entrega ao Governador, inclinando-se profundamente. — Este desdobra o papel, passa-o pela vista, e estremece levemente. — Suspensão geral.*)

EUSEBIO, *á parte.*

Perturba-se !

GOVERNADOR, *restituindo o papel.*

É verdade.

JERONYMO, *á parte.*

Estou pelo que disse. . . É feiticeiro !

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II.

○ Juramento.

Uma sala em casa do governador. A' direita do espectador, um gabinete ; á esquerda, outro gabinete que communica com o aposento do governador.— Tudo fechado.

SCENA I.

MATA-LOBOS.

(Está recostado n'um sofá, e dorme. Dahi a pouca, boceja, esfrega os olhos, olha para si, e em torno de si, muito admirado.)

Não ha duvida: estou bem desperto. . . . e agora me recordo. . . . Mas, onde estou? — Vamos, procuremos coordenar nossas idéas. — Esta noite, estava eu no meu carcere da Torre antiga, deitado sobre palhas, coberto de farrapos, considerando na minha sorte ; e cuidava no futuro, que se me apresentava na fórma de uma forca, onde eu desempenhava o principal papel. — Eis que sinto um rumor leve, range a chave na fechadura, chia a porta sobre os gonzos, e apparecem dous homens. Um delles, bem o conheci: era o tratante do carcereiro. O outro, capa comprida, chapéo desabado, uma lanterna na mão ; e começa : — « Mata-Lobos ! — Assim me chamam. — Ergue-te. — Que me quereis ? — Salvar-te. — » Não me faço rogado ; levanto-me. Fazem-me vestir este fato — muito decente ! — As minhas barbas, o meu cabello, raspados, besuntados, anediados por aquelle velho ! Julguei que arrebetava ; e não era para menos. O Sr. Gregorio, o carcereiro, feito o meu barbeiro ! — Emfim, tapam-me os olhos ; e dahi a pouca, experimento uma sensação deliciosa, e de ha muito des-

conhecida. . . . Era o ar livre da noite, que dilatava meu peito, que passava por meu cabello, que refrescava as minhas faces!!! — Andamos cousa de vinte minutos, passamos por uma porta estreita; subo umas escadas, atravesso tres ou quatro corredores; chegamos a outra porta, e entro. Então, uma voz, em que reconheci o chapéo desabado, diz-me estas unicas palavras: — Se fallas, morres. — Fecha-se a porta, arranco a venda; e eis-me aqui, feito passaro em gaiola. Mas hontem, o passaro era um rato, e a gaiola uma ratoeira. (*Olhando para si.*) Que bella figura! nunca me vi tão guapo. (*Levando as mãos ás algibeiras.*) Vejamos se por ventura. . . Nem real! A este respeito, ao menos, o Mata-Lobos de hoje é o mesmo de hontem. A metamorphose não foi completa . . . Abre-se aquella porta. . . . e vou saber. . . .

SCENA II.

GOVERNADOR, MATA-LOBOS.

(*O governador sahe do seu gabinete, pára a alguns passos de Mata-Lobos, e olha para elle attentamente.*)

MATA-LOBOS, á parte.

Oh! será o mesmo? . . .

GOVERNADOR, á parte.

Ninguem seria capaz de o reconhecer; e depois de tanto tempo. . . . Só o carcereiro, e esse não fallará.— (*Alto.*) Approxima-te.

MATA-LOBOS, á parte.

O chapéo desabado!

GOVERNADOR.

Esta noite, jazia esquecido n'um calabouço um certo facinora por nome Mata-Lobos.

MATA-LOBOS.

Não me é desconhecido.

GOVERNADOR.

Esse homem. . . . é morto.

MATA-LOBOS.

Quem? o Mata-Lobos! Pobre homem! — Mas eu. . . .

GOVERNADOR.

Tu te chamas Gil-Peres.

MATA-LOBOS.

Gil-Peres? Folgo de o saber.

GOVERNADOR.

Disse-me Gregorio que fallavas o castelhano?

MATA-LOBOS.

Tan perfectamente como el portuguez: Castella ha sido el principal teatro de mis proesas.

GOVERNADOR.

Bem. És natural de Burgos, onde vivias de mercadejar.

MATA-LOBOS.

Ha?!

GOVERNADOR.

Foste infeliz no negocio; e, vendo-te perseguido dos credores, buscas um refugio em Portugal.

MATA-LOBOS.

Sim?! — Não tenho que replicar: sabeis da minha vida muito melhor do que eu mesmo. — Sómente, em vez de refugiar-me aqui, quizera antes ir para outra qualquer parte. Tenho medo que os ares deste paiz não se dêem muito bem com minha saude.

GOVERNADOR.

Logo que eu não precise mais de ti, irás para onde quizeres, comtanto que nunca mais te vejam em terras de Portugal.

MATA-LOBOS.

Não levarei daqui saudades.— Uma ultima cousa. Tom a pressa com que vim fugindo dos credores, sabeis?... esqueceo-me trazer dinheiro, e sobretudo, certos papeis cuja falta poderá servir-me de commodo.

GOVERNADOR, *dando-lhe uma bolsa.*

Toma.

MATA-LOBOS.

Oh! pelo peso.... Senhor! desculpai-me; não ha que resistir. Um velho amigo, que não vejo ha tanto tempo! — (*Esvaziando a bolsa na mão, e com ternura.*) Sim! eu te reconheço! Quão bello! quão luzente! quão macio! e quão doce me fallas! (*Deixa cahir uma peça e corre atraz.*) O' ladrão! já me queres fugir?! — Vem, vem sobre o meu peito; e verás que, por ti ao menos, não cessou de palpitár!...

GOVERNADOR, *á parte.*

É o homem que eu preciso. (*Alto.*) Aqui tens um salvo conducto, assignado por mim.

MATA-LOBOS.

Por vós! — E sois?...

GOVERNADOR.

O Governador de Braga.

MATA-LOBOS, *á parte.*

Olé! (*Alto, e fazendo uma grande cortezia.*) Sr. Governador!... podeis contar com a mais completa dedicação.

GOVERNADOR.

É porque contei com essa dedicação que estás aqui.— Escuta. Dou-te a vida e a liberdade.

MATA-LOBOS.

Duas cousas muito apreciáveis.

GOVERNADOR.

Farei mais; dar-te-hei dinheiro. gle

MATA-LOBOS, *com os olhos scintillantes.*

Dinheiro! bastante dinheiro! muito dinheiro! — não é assim? — (*Melancolico.*) Porque, vêde, a vida sem dinheiro, é uma morte anticipada.

GOVERNADOR.

Não tens a loucura de pensar que tudo isso te dou gratuitamente?

MATA-LOBOS.

Isso mesmo dizia comigo.

GOVERNADOR.

Estás prompto a servir-me?

MATA-LOBOS.

Em tudo!

GOVERNADOR.

Em tudo. . . . Pesa bem o sentido desta palavra; — ainda que haja de resultar a morte de um homem. . . .

MATA-LOBOS.

De dous! de tres! — Sómente, deixo ao vosso cuidado a conservação de minha pelle; e julgo que está em muito boas mãos.

GOVERNADOR.

Agora, presta-me toda a tua attenção. — Hontem á tarde, no sitio das Lages, á entrada do bosque, encontraram-se dous cavalleiros, dous inimigos. Um delles, alto de estatura, vestia de preto; o outro, de corpo medio, vestia de azul. Estavam sós; e dahi a pouco, o cavalleiro preto tinha cessado de existir.

MATA-LOBOS.

Peior para elle.

GOVERNADOR.

Nesse momento, estavas a concluir a jornada; e chegavas á entrada do bosque, quando, a certa distancia, presenciaste. . . um assassinato.

MATA-LOBOS.

Vou percebendo.— E dizeis que não havia testemunhas. . . . senão eu ?

GOVERNADOR.

Uma unica.

MATA-LOBOS.

Diabo ! essa unica é de mais.

GOVERNADOR.

Ao contrario ! — Um miseravel , um vadio , que vive de furtar caça.

MATA-LOBOS , *com desprezo.*

Irira !

GOVERNADOR.

Com promessas e ameaças , dirá tudo o que fór preciso.

MATA-LOBOS.

E não fallou a ninguem

GOVERNADOR.

A ninguem , excepto a mim.— Hontem á tarde , eu me dirigia para casa de um D. Rodrigo , quando o encontrei. De um lugar em que estivera occulto , acabava de presenciar o combate. Pelos signaes , conheci logo quaes eram os adversarios ; e um pensamento , tão rapido como o relampago , atravessou-me o espirito. Mandeí a esse homem fosse esperar por mim em palacio , e , pena de vida , não fallasse a ninguem do succedido. Corri ao sitio indicado , que me ficava perto. Ali , achei o cadaver ; e quando , dahi a pouco , foi encontrado por camponezes , a espada do morto estava na bainha.

MATA-LOBOS.

Prova indubitavel de que não se havia defendido.
Magnifica lembrança !

MATA-LOBOS.

E o outro ?

GOVERNADOR.

Está preso. Uma unica cousa me inquieta...
levemente.

MATA-LOBOS.

Qual?

GOVERNADOR.

Está o matador incommunicavel , menos... .

MATA-LOBOS.

Para vós.

GOVERNADOR.

E para outro.

MATA-LOBOS.

Pois não sois... .

GOVERNADOR.

Assiste em casa de D. Rodrigo , um frade , um Fr. Eusebio , que viaja pela sua saúde ; e pedio a el-rei , e alcançou , uma autorisação para visitar todas as prisões, a qualquer hora do dia ou da noite, e praticar com qualquer preso. . .

MATA-LOBOS.

Eis-ahi ! — Se eu ainda estivesse hospedado á custa da republica , teria a honra de receber sua visita ; e , com dous dedos de confissão , com algumas lagrimas de crocodilo , alguns cobres lhe chuchava em desconto do sermão !

GOVERNADOR.

O preso ha-de protestar que é innocente... .

MATA-LOBOS.

Isso fazem elles todos. Sempre que fui interrogado , jurei que era tão innocente como a criança que ainda não nasceo. Mas nunca me valeo.

GOVERNADOR.

Nem lhe poderá valer. — Aliás, esse homem, pouco se ha-de demorar aqui.

MATA-LOBOS.

Vá com a fortuna ! — Mas , a proposito , Sr. Governador , não me direis com que fim . . .

GOVERNADOR, *franzindo a sobrancelha.*

Interrogas-me ! . . .

MATA-LOBOS.

Perdoai-me , senhor : não é curiosidade. Se o perguntei , era unicamente . . . para o saber ! — E essa outra testemunha . . .

GOVERNADOR.

Além está. Ainda lhe não fallei desde hontem. Tudo sabes ; tu es quem lhe ha-de dictar o que deverá dizer.

MATA-LOBOS.

Se eu lá estava ! Sei muito bem como tudo se passou.

GOVERNADOR.

Promette , ameaça ; ameaça , sobretudo.

MATA-LOBOS.

Descançai em mim.— E o resultado . . .

GOVERNADOR.

Dar-se-ha que tenhas escrupulos ? . . .

MATA-LOBOS.

Escrupulos ! eu ! Mata-Lobos ! — Fazei-me mais justiça. Escrupulos ? . . . É palavra cuja significação eu não conheço.— Onde está o villão ?

GOVERNADOR.

Vou mandal-o para aqui. Tem cuidado em que seu depoimento concorde perfeitamente com o teu.
(*Sabe.*)

MATA-LOBOS.

Não tendes duvida.

SCENA III.

MATA-LOBOS.

Um interrogatorio ! é cousa de que tenho alguma pratica. — Escrupulos ! escrupulos ! diz elle ; n'um salteador ! n'um assassino ! (*Ri-se.*) Descançai , Sr. governador , que neste coração calejado pelo crime , nada existe que se pareça com os sentimentos de um homem de bem ; nada absolutamente ; nada !. . . Excepto talvez . . . o que ? — Uma memoria quasi de todo apagada . . . um sonho . . . uma loucura ! — Sim ! e é cousa bem estranha ! — Este Mata-Lobos , que está aqui presente , o salteador , o assassino , em outro tempo — ha muito tempo ! — pois era desta altura ; e tinha uma mãe , uma santa mulher — como era formosa ! — um anjo ! que o acalentava no seu collo , que o olhava com amor , que lhe juntava as suas mãozinhas , e o fazia rezar. — Mas , esse menino , não era eu ; não se chamava Mata-Lobos ; era um innocente que rezava com sua mãe , diante de uma imagem da Virgem ; nunca havia — de ser um assassino ! — E eu , não tenho mãe , não sei rezar , e minha mão está manchada de sangue ! — Bem dizia que era loucura ! — Dinheiro ! disse elle ; dinheiro ! muito dinheiro ! E com o dinheiro , o jogo , as mulheres , a embriaguez ; — o esquecimento ! — Oh ! chega alguem. — Ha-de ser o tal.

SCENA IV.

MATA-LOBOS, MANOEL.

MANOEL, *acanhado.*

Com licença . . . É V. S. com quem o Sr. Governador . . .

MATA-LOBOS.

Sou eu mesmo. Chega.

MANOEL, *chegando, e á parte.*

Que cara de patife !

MATA-LOBOS.

Não tenhas medo.

MANOEL.

Perdôe-me V. S. , mas V. S. tem-me uma cara...

MATA-LOBOS.

Que tem a minha cara ?

MANOEL.

Mette-me tanto respeito !. ..

MATA-LOBOS.

Sim ! hein ? (*Vai fechar a porta.*)

MANOEL, *assustado.*

Para que , para que diabo é isto ?

MATA-LOBOS.

O ar incommoda-me.— Vamos ao caso. Como te chamas ?

MANOEL.

Manoel Antonio dos Prazeres, para servir-vos.

MATA-LOBOS.

Idade ?

MANOEL.

Ao certo não sei. Trinta, quarenta, quarenta e cinco, pouco mais ou menos.

MATA-LOBOS.

És casado ?

MANOEL.

Por meus peccados.

MATA-LOBOS.

De que vives ?

MANOEL.

Eu ? Do que vivem os mais : pão , carne , vinho , feijão. . .

MATA-LOBOS.

Quando só deverias comer palha.— Eu te pergunto em que te occupas.

MANOEL.

Oh ! porque o não dizieis logo. Eu. . . eu. . .

MATA-LOBOS.

Não sabes em que te occupas ? !

MANOEL.

Pois não hei-de saber ! — Eu. . . sou mateiro !

MATA-LOBOS.

Mateiro ! — És ladrão de caça !

MANOEL.

Senhor !

MATA-LOBOS.

Desmente-me !

MANOEL.

O respeito. . .

MATA-LOBOS.

Desgraçado ! não te envergonhas de viver á custa do alheio ? !

MANOEL.

Eu nunca me envergonharei de comer uma perna de cabrito, ou uma boa posta de javali.

MATA-LOBOS.

És um finorio, e querias fazer-te de tolo. Vejo que nos havemos de entender. — Dize o que sabes ácerca do assassinato.

MANOEL.

Que assassinato ?

MATA-LOBOS.

E qual ha-de ser ? O assassinato do cavalleiro. . . do cavalleiro preto ?

MANOEL.

Não foi um assassinato.

MATA-LOBOS.

Foi !

MANOEL.

Emfim, chamai-lhe como quizerdes. Eis o caso. — Hontem, pela volta das Trindades, estava eu á entrada do bosque das Lages. . . . atando o meu feixinho de lenha. . . .

MATA-LOBOS.

Espreitando a veação.

MANOEL.

Como quizerdes. — Eis senão quando, sinto um tropear de cavallos. Agacho-me por traz de umas moitas, e vejo desembocar de caminhos diversos dous cavalleiros. Quem eram, não sei; o que sei unicamente, é que um delles vestia um gibão azul, e o outro um gibão preto.

MATA-LOBOS.

Atéqui, vamos bem. Continúa.

MANOEL.

Chegados a pouca distancia um do outro, param; e, por seus gestos, por suas vozes, que chegaram confusamente a meus ouvidos, conheci que altercavam. De repente, o gibão preto puxa da espada, mette as esporas, e atira-se ao azul. Este, recua dous passos, arranca tambem da espada; e agora vereis! O combate foi curto. O gibão azul parece que abriu um formidavel rasgão no gibão preto, que cahio do cavallo abaixo, e não fez mais um movimento. Apea-se o gibão azul, corre ao preto, recua espavorido. . . . assim; e deita a correr como um doudo, sem ao menos lembrar-se do cavallo, que estava a olhar mui pachorrento. O outro cavallo. . .

MATA-LOBOS.

Não quero saber do cavallo; falla-me do homem.

MANOEL.

O homem. . . . coitado! Corro a elle, para. . . .

MATA-LOBOS.

Alimpar-lhe as algibeiras.

MANOEL.

Qual! senhor! não trazia nem um pinto.

MATA-LOBOS.

Com que, sempre lh'as revistaste.

MANOEL.

Por mera curiosidade.

MATA-LOBOS.

E já estava morto?

MANOEL.

Mortissimo.

MATA-LOBOS.

Ha na tua narração alguma cousa veridica; mas, é muito inexacta, quanto ao principal.

MANOEL.

Como?

MATA-LOBOS.

Não foi o gibão preto que investio com o gibão azul, mas sim o azul que investio com o preto.

MANOEL.

Não! senhor; foi...

MATA-LOBOS.

Cala-te.

MANOEL.

Mas se ...

MATA-LOBOS.

Já te mandei calar! — E que te importa, a ti, que fosse o preto ou o azul? Toda a differença está na côr de um gibão. Grande assumpto para disputar!

MANOEL.

Na verdade, não vale a pena.

MATA-LOBOS.

Fallemos em ti. — És pobre?

MANOEL.

Como Job.

MATA-LOBOS.

E Deos abençoou-te com uma numerosa familia ?

MANOEL.

Sete filhos , e uma mulher douda. É muita benção de mais.

MATA-LOBOS.

Ora , já que tens tanto amor á veação , se, lá para mais tarde , te arranjassem um bom emprego de coiteiro ?

MANOEL.

Que bella ! e que bem guardada que ficava a caça !

MATA-LOBOS.

E se entretanto te forrassem as algibeiras com bons ducados ?

MANOEL.

Que bem forradas ficavam ellas ! — Mas que !

MATA-LOBOS.

Isso tudo terás , se fallares a verdade.

MANOEL.

Pois a verdade. . . .

MATA-LOBOS.

A verdade é o que eu digo.

MANOEL.

Ha ?!

MATA-LOBOS.

Ao que vejo, quando presenciaste o assassinato. . .

MANOEL.

Não foi. . . .

MATA-LOBOS.

Sei o que digo ! pelas pontas de Satanaz ! — Quando presenciaste o assassinato , estavas com a vista muito turva.

MANOEL.

Senhor ! lá de vez em quando , tomo a minha mona, quatro ou cinco vezes por semana ; não mais ! Porém hontem , não bebi senão agua !

MATA-LOBOS.

Coitado! — D'ora em diante, nunca te faltará o vinho.— Seria pois do medo? — Vou dizer-te como foi, vou dizer-te o que viste, porque eu tambem ali estava.

MANOEL.

Vós?!

MATA-LOBOS.

Eu.

MANOEL.

E vistes. . . ?

MATA-LOBOS.

Com estes olhos; vi o gibão azul matar á traição o gibão preto, sem lhe deixar tempo de se defender.

MANOEL.

Mas eu. . .

MATA-LOBOS.

Ês um vadio, um brejeiro, um vagabundo (*Manoel tapa os ouvidos*), um tratante, um furta-gallinhas, um falsario, um ladrão, peitado pelo gibão azul; e não serás acreditado se disseres o contrario do que eu digo, o contrario do que tu mesmo já disseste ao Governador.

MANOEL.

Eu! eu disse ao Sr. Governador!

MATA-LOBOS.

Ao menos, assim o comprehendeo.

MANOEL.

Pois não está muito bom dos ouvidos!

MATA-LOBOS.

Ora, como ainda agora dizia, além de vagabundo, és falsario, és ladrão.

MANOEL.

Estaveis gracejando.

MATA-LOBOS.

Sabe-se com toda a certeza que o gibão esburacado trazia no bolso cincoenta moedas.

MANOEL.

Cincoenta ! Achei só trinta e duas !

MATA-LOBOS.

Ladrão !

MANOEL, *ajoelhando*.

Misericórdia ! (*À parte.*) Oh ! que topada !

MATA-LOBOS.

Ergue-te. Nada te acontecerá, se tiveres juizo. Do contrario, serás açoitado como vadio, enforcado como ladrão ; e, como falsa testemunha. . . . serás tambem enforcado !

MANOEL.

São Manoel e Santo Antonio ! — Quanto aos açoitados, vá feito ! Mas enforcado ! enforcado duas vezes ! são duas de mais ! Meu Deos !

MATA-LOBOS.

Ah ! já estás a bater o queixo.

MANOEL.

E como não ha-de ser, se conheço que sou de natureza tão enforcadica ! — Senhor, fallais serio ? Eu ! eu pendurado !

MATA-LOBOS.

N'uma forca bem alta.

MANOEL.

Alta ou baixa, tudo é um ! Logo que os pés não tocam no chão !

MATA-LOBOS.

Assim pois, a qualquer parte que volvas os olhos, tens um abysmo, isto é, uma forca.

MANOEL.

Não quero ser enforcado !

MATA-LOBOS.

Ainda podes tirar o laço do pescoço, dizendo a verdade.

MANOEL.

Hei-de dizer o que quizerem, comtanto que me não enforcem!

MATA-LOBOS.

Bem sabia eu que te havias de chegar á razão.— Dize lá como foi.

MANOEL.

Eil-o ahi vai.— O gibão preto ia seguindo o seu caminho, quando o gibão azul metteo mão á espada, saltou-lhe em cima, e o matou, sem que se pudesse defender.

MATA-LOBOS.

E metteo pernas.

MANOEL.

E metteo pernas.

MATA-LOBOS.

Isso mesmo.

MANOEL.

E haveis de fallar pela mesma toada?

MATA-LOBOS.

Tal e qual. Já o disse, já o assignei; e ambos nós o havemos de jurar.

MANOEL, *assustado*.

Sobre os Santos *Avangelhos*?!

MATA-LOBOS.

Farei com que juremos sobre outro qualquer livro.

MANOEL.

Sendo assim... — E o pobre gibão azul?

MATA-LOBOS.

E o que te vai nisso?

MANOEL.

A mim? nada. Antes elle do que eu.

MATA-LOBOS.

Pateta ! — Elle , como fidalgo que é , será descabeçado n'um vistoso cadafalso , todo armado de preto , talvez com suas lagrimas prateadas , em presença de muitas damas e senhores. — E tu . . .

MANOEL.

Espichado com a maior sem-ceremonia. — Se até nisso têm elles privilegios ! — Que felizes ! — E serei couteiro ?

MATA-LOBOS.

Serás couteiro.

MANOEL.

E andarei sempre com as algibeiras bem forradas ? . . .

MATA-LOBOS.

Sempre. — Quando tiveres gasto as cincoenta moedas. . . .

MANOEL.

Trinta e duas ! — e algum troco.

MATA-LOBOS.

Magano ! — Deixa ver.

MANOEL.

Puxando por uma bolsa , e pondo-a na mão de Mata-Lobos.

Podeis contal-as.

MATA-LOBOS.

Põe de parte o troco , e guarda as moedas na algibeira.

MANOEL.

Que é lá isso ?

MATA-LOBOS.

Estão no deposito.

MANOEL.

Qual deposito ! — O' compadre ! em vez de me forrardes as algibeiras , a modo que quereis forrar as vossas á minha custa ? Mas não ha-de ser assim ; não sou homem que se deixe comer por um pé ; não

se ha-de verificar em mim o rifão que diz: Dinheiros de sacristão . cantando vêm , cantando vão !

MATA-LOBOS.

Imprudente ! se te perguntassem d'onde te vem este ouro , o que responderias ?

MANOEL.

É verdade ! Mas

MATA-LOBOS.

Toma este troco. Quando precisares mais , vem ter comigo ; e nada te faltará. (*Terno.*) Serei teu protector , serei teu pai !

MANOEL.

Sinto-me enternecido.

MATA-LOBOS.

Agora , vai-te embora ; e cuidado !

MANOEL.

Tel-o-hei. — Permittis que vos diga uma cousa ?

MATA-LOBOS.

Dize.

MANOEL.

Não vos haveis de enfadar ?

MATA-LOBOS.

Não.

MANOEL.

Pois vós , o Sr. Governador e eu somos tres famosos tratantes !

MATA-LOBOS , *rindo.*

Brejeiro ! — Aperta-me esta mão !

MANOEL.

E cumprireis todas as vossas promessas ?

MATA-LOBOS.

Todas !

MANOEL.

Vou fiado na vossa palavra. (*Sahida falsa.*)

MATA-LOBOS, *terno.*

O' Manoel ! Então . . . assim me deixas ? (*Abre os braços.*)

MANOEL, *lançando-se nelles.*

Meu pai ! . . . — Lembrai-vos de que o escrivão não rouba ao escrivão ! . . .

MATA-LOBOS.

Por quem me tomas ? !

MANOEL.

Vou descançado.

SCENA V.

MATA-LOBOS, depois GOVERNADOR.

MATA-LOBOS.

E viva Deos ! — Qualquer outro , para arranjar uma falsa testemunha , havia compral-a a peso de dinheiro ; e a mim , a falsa testemunha é quem me paga. — O Sr. Governador.

GOVERNADOR.

Então ?

MATA-LOBOS.

São favas contadas.

GOVERNADOR.

Ha-de jurar . . .

MATA-LOBOS.

O que quizermos.

GOVERNADOR.

Muito bem. — Tudo corre á medida dos meus desejos. Acabo de estar com D. Rodrigo, que muito se interessa pelo preso ; e , como é natural , vinha fallar-me a seu respeito. Apesar de todas as apparencias que o condemnam , não se podia capacitar de que fosse culpado ; mas , quando soube que havia testemunhas , ficou atterrado , e nada achou que replicar.

MATA-LOBOS.

Tanta força tem a verdade !

GOVERNADOR.

E aquelle Fr. Eusebio. . . .

MATA-LOBOS.

Abalou ?

GOVERNADOR.

Não ; mas , deo-lhe esta noite não sei que ataque, e está á morte.

MATA-LOBOS.

Não lhe podia vir mais a proposito ! e se Deos o quizesse mandar visitar aos presos que ha no outro mundo. . . .

GOVERNADOR.

Ao menos , estou livre d'elle por algum tempo ; e talvez. . . .

ANTONIO, *annunciando.*

O reverendo Fr. Eusebio.

GOVERNADOR.

Que dizes ? . . .

ANTONIO.

Fr. Eusebio , da casa de D. Rodrigo.

GOVERNADOR, *á parte.*Maldito ! (*Alto.*) Que entre. (*Sahe Antonio.*)

MATA-LOBOS.

Não quiz morrer sem despedir-se de vós.

GOVERNADOR.

Silencio ! — Lembra-te bem. Hontem á noite , a meia legua da cidade , á entrada do bosque.

MATA-LOBOS.

Se eu lá estava !

SCENA VI.

GOVERNADOR, FR. EUSEBIO, MATA-LOBOS.

GOVERNADOR, *cortejando.*

Reverendo. . . .

EUSEBIO.

Sr. Governador, tenho a honra de comprimentar-vos.

MATA-LOBOS, *á parte.*

E o mais é que vem por seu pé!

GOVERNADOR.

Disseram-me que estava V. Reverendissima perigosamente enfermo; e muito me regosija o haver sido enganado.

EUSEBIO.

Muito vos agradeço, Sr. Governador, o interesse que por mim tomais. Não vos enganaram; estive com effeito muito mal. Sou bastante nervoso; e a scena de hontem. . . . Emfim, deo-me um ataque terrivel; porém, Deos permittio que não tivesse peiores consequencias.

GOVERNADOR.

Reitero-vos as minhas felicitações.

EUSEBIO.

E eu, os meus agradecimentos. — Sr. governador, esta minha visita é assaz intempestiva. Desde que aqui cheguei, procurei-vos duas vezes, para cumprir o meu dever, e participar-vos a honra que me fez sua magestade, concedendo-me autorisação para visitar as prisões de todos os lugares por onde houvesse de passar; não tive porém a fortuna de encontrar-vos. Pouco, bem pouco, me hei-de demorar nesta cidade, estando já acabado o prazo que me foi concedido; e não me houvera partido sem desobrigar-me convosco. Comtudo, torno a dizel-o

escolheria para minha visita outra occasião mais opportuna, a não ser aqui trazido por um motivo que já tereis adivinhado.

MATA-LOBOS, *á parte.*

Que verbosidade !

GOVERNADOR.

Vindes fallar-me ácerca do desgraçado acontecimento de hontem.

EUSEBIO.

Alcançastes alguns esclarecimentos ?

GOVERNADOR.

Não vos encontrastes agora com D. Rodrigo ?

EUSEBIO.

Não, senhor.

GOVERNADOR.

Sim, reverendo, tenho alcançado esclarecimentos, e muito mais do que desejava !

EUSEBIO.

Ah ! fallai !

GOVERNADOR.

Essa rivalidade, o conhecido rancor de Eduardo, e, mais que tudo, o haver sido encontrada na bainha a espada do cavalleiro, eram circumstancias de per si terriveis. . . .

EUSEBIO.

Não ha duvida !

GOVERNADOR.

Mas duas testemunhas !

EUSEBIO.

Que dizeis ? !

GOVERNADOR.

Testemunhas de vista.

EUSEBIO.

É pois verdade !

GOVERNADOR.

Oh ! antes o não fosse ! — Uma dessas testemunhas, é um honesto morador da vizinhança ; a outra, ali a tendes , um mercador de Burgos, que chegou hontem , e diz ter presenciado o crime.

EUSEBIO.

E vistes Eduardo. . . ?

MATA-LOBOS.

Mi padre , no sé desir-le , si se llama Eduardo , Jeronymo , o Bonifacio. A poca distancia , ho visto un caballero arrojar-se para otro , clavar-le la espada nel pecho , e huir. Vi mas , que el caballero asesino vestia una ropilla azul , y el asesinado una ropilla negra. Este es , en resumo , lo que vine a desir al señor gobernador. Nada mas vi , nada mas sé.

EUSEBIO.

Pobre D. Branca ! Desventurada mãe !

GOVERNADOR.

Oh ! sim ! bem desventurada ! — Dizei-me , que é feito della ? como supporta tão horrivel desgraça ?

EUSEBIO.

Como ? — Oh ! a dôr , a desesperação de uma mãe que vé accusado de um crime , ameaçado de morte infame o seu unico filho , o ultimo arrimo e consolação de sua velhice , aquelle em que concentrou todos os outros affectos , em que emprega esse inexaurivel thesouro de amor contido no coração de uma mulher , de uma mãe. . . essa dôr , essa desesperação , poderão comprehender-se ; mas exprimir-se , nunca !

MATA-LOBOS , *á parte.*

Sua mãe !

GOVERNADOR.

É natural que tambem queira fallar-me , que venha supplicar-me ; mas , não a quero ver , não a quero ouvir. Bem o sabeis , não lhe posso restituir seu filho , não posso fazer com que seja innocente seu

filho ; e não tenho animo para presenciar sua desesperação.

EUSEBIO.

Não é provavel que a vejais. — A superiora do convento das Urselinas , a quem a liga estreita amizade , mal soube da sua desgraça , correo a visital-a , e levou-a comsigo , para dar-lhe as unicas consolações que cabem nos grandes infortunios : as da Religião.

GOVERNADOR.

Oh ! nunca me pareceo tão rigoroso o desempenho do meu cargo ! Se houvesse algum meio de o salvar mas é impossivel !

EUSEBIO.

Dizeis bem ; não o podeis salvar ; nem o deverieis fazer , ainda quando de vós unicamente dependesse. Deos , só Deos , é que póde perdoar ao criminoso. A Religião , toca abrir-lhe os braços , chorar com elle , acompanhal-o até o momento derradeiro , e adoçar-lhe o golpe tremendo , mostrando-lhe , além do cadafalso , a Misericordia Divina , sempre prestes a amparar o peccador arrependido. Mas a justiça . . . essa , é inexoravel ; quer exemplos ; quer sangue por sangue. Quando falla , ha-de calar-se qualquer outra consideração ; e se Eduardo é culpado , deve soffrer a pena do seu crime.

GOVERNADOR.

Senhor , por mais rigoroso que seja o meu dever , saberei cumpril-o.

EUSEBIO.

Sr. Governador , desculpai-me o haver-vos importunado. Eu me retiro.

GOVERNADOR.

Não terei animo de ir tão cedo á casa de D. Rodrigo. Espero porém ter o gosto de tornar-vos a ver.

EUSEBIO.

Ao menos uma vez antes da minha partida. — Sem cerimonia.

SCENA VII.

GOVERNADOR, MATA-LOBOS.

GOVERNADOR.

Estou satisfeito do teu desembaraço.

MATA-LOBOS.

E eu admirado do vosso sangue frio.

GOVERNADOR.

Agora, vai hospedar-te em alguma casa decente; e cuida em nada praticar que possa chamar sobre ti a atenção.

MATA-LOBOS.

Vou viver vida de eremita: já estou acostumado á solidão.

GOVERNADOR.

Não percas de vista a outra testemunha; e se houver alguma novidade, vem participar-m'o.

MATA-LOBOS.

Terei esse cuidado. (*Dispõe-se a sair.*)

GOVERNADOR.

Espera; vou mostrar-te uma passagem por onde poderás vir ter comigo a qualquer hora, sem ser visto de toda a criadagem.

MATA-LOBOS.

Será aquella mesma...?

GOVERNADOR.

Segue-me. (*Vão para dentro.*)

SCENA VIII.

ANTONIO.

Ninguém. Vamos arrumar esta sala. Ao que parece, está o Sr. Governador em conferencia com aquelle sujeito que teve a habilidade de entrar aqui sem ninguem o ver. Ha-de ser uma das testemunhas.

— Um assassino! quem tal diria?! — Se com effeito é culpado, tem o que merece. Mas a mãe! pobre senhora!

(*Entra D. Isabel, pallida, desvairada, offegante, como quem acaba de correr muito.*)

SCENA IX.

D. ISABEL, ANTONIO.

ANTONIO.

D. Isabel!

ISABEL.

O Sr. Governador!

ANTONIO.

Não lhe podeis fallar.

ISABEL, *arrancando os aneis, e offerecendo-os.*

O Sr. Governador!!!

ANTONIO.

Não está em palacio.

ISABEL, *arrancando o collar.*

O Sr. Governador!!!

ANTONIO.

Pobre senhora! (*Não aceita as joias.*)

ISABEL.

Hei-de fallar-lhe!

ANTONIO.

Mandou-me. . . .

ISABEL.

Onde, onde está?!!!

ANTONIO.

Mas. . . . Embora! Esperai aqui.

UMA VOZ, *de fóra.*

r. Antonio!

ANTONIO.

Chega alguém !. . . Se me vissem comvosco !. . .
Naquelle gabinete. . . Não vos vi ; como entrastes,
não sei. (*Empurra-a para o gabinete.*) Meu Deos!
desmaiada !

voz , *mais perto.*

O' Sr. Antonio !

ANTONIO.

Lá vou ! — Senhora !. . . Não me ouve !. . . (*Afia
o ouvido.*) Sinto passos. . . . O Sr. Governador ! —
Agora é que estou mettido em camisa de vinte e
duas varas ! (*Sahe a correr.*)

SCENA X.

GOVERNADOR, MATA-LOBOS, depois
ANTONIO.

GOVERNADOR.

Ninguém. Pareceo-me que ouvia fallar aqui. En-
ganei-me. — Sabes o caminho ?

MATA-LOBOS.

Perfeitamente.

GOVERNADOR.

Agora , retira-te ; e sé prudente.

MATA-LOBOS.

Saludo el señor Gobernador. (*Sahe.*)

GOVERNADOR.

Se depois achasse um meio de desfazer-me deste
homem. . . . Veremos. — Tenho a cabeça que é um
forno. Respiremos. Aquelle amaldiçoado frade. . .
de nada desconfia , nem póde desconfiar ; e pouco se
ha-de demorar.

ANTONIO , *entrando.*

Senhor. . . .

GOVERNADOR.

O que é? . .

ANTONIO.

Uma senhora pede com instancia para fallar-vos.

GOVERNADOR.

D. Isabel ? !

ANTONIO.

D. Branca.

GOVERNADOR, *á parte.*

Branca !

ANTONIO.

Sobrinha de D. Rodrigo.

GOVERNADOR.

E vem só ? !

ANTONIO.

Só.

GOVERNADOR, *depois de breve hesitação.*

Que entre. — Espera ! — Uma donzella. . . . só com um homem. . . . póde ficar compromettida. Fica lá fóra. . . . além da ante-sala. . . . e ninguem se approxime, ninguem ! — Se perguntarem por mim...

ANTONIO.

Estais incommodado.

GOVERNADOR.

Anda !

ANTONIO, *á parte.*Estou bem arranjado !. . . (*Safe.*)

GOVERNADOR.

D. Branca ! Oh ! ainda é muito cedo ! — E com-tudo, aqui, em minha casa, só comigo. . . . Quem sabe se acharei outra occasião tão favorável ?

SCENA XI.

GOVERNADOR, D. BRANCA.

GOVERNADOR.

Branca ! Branca ! que vindes aqui fazer ? !

BRANCA.

Senhor! estranho vos ha-de parecer o meu procedimento; mas, não fui senhora de mim. Senhor! dizei-me que me enganaram, que enganaram a meu tio. Testemunhas do crime! de um crime commetido por Eduardo!!!

GOVERNADOR.

Senhora! tornai em vós!

BRANCA.

Ah! respõdeí! respondeí!

GOVERNADOR.

Embora quizera encobrir-vos o que já de todos é sabido.

BRANCA.

Sabido! o que?!!

GOVERNADOR.

Dous homens affirmam que viram assassinar o cavalleiro Henrique.

BRANCA.

Assassinado! assassinado por Eduardo!

GOVERNADOR.

E estão prestes a jural-o.

BRANCA.

Elle! Eduardo! tão nobre! tão generoso! É impossível! impossível!

GOVERNADOR.

Sim! ha cousas tão incriveis, tão repugnantes, que nem a evidencia é sufficiente para nos convencer; e eu digo como vós: É impossível! — E comtudo, o rancor de Eduardo, essas testemunhas, essa espada encontrada na bainha. . . .

BRANCA.

Ah! que me fazeis enlouquecer!

GOVERNADOR.

Aos olhos de todos, aos olhos da justiça, Eduardo é culpado.

BRANCA.

Culpado!

GOVERNADOR.

E é mais que certa a sua condemnação.

BRANCA.

Elle! morrer! morrer n'um cadafalso! Horror! —
 Senhor! piedade para elle! piedade para sua mãe!
 piedade para mim!!!

GOVERNADOR.

E que posso eu fazer?!

BRANCA.

Oh! haveis de attender-me! — Embora tudo se
 conspire contra elle, estou certa da sua innocencia;
 e quando o mundo inteiro se levantasse para o ac-
 cusar, ainda clamaria: É innocente! — Senhor!
 salvai, salvai o infeliz!

GOVERNADOR.

Salval-o! Eu não sou quem o ha-de julgar.

BRANCA.

Mas vós o podeis salvar, porque sois aqui omni-
 potente. Piedade! piedade! senhor!

GOVERNADOR.

Estais persuadida da sua innocencia, e não pro-
 curarei abalar esta vossa convicção; porém, as provas
 são taes, que ha-de ser condemnado, ha-de morrer!

BRANCA.

Morrer! morrer! — Ah! se quereis que vos possa
 escutar, não mais, não mais esta palavra horrivel!

GOVERNADOR.

E comtudo, vós o dissestes, posso salval-o.

BRANCA.

Salval-o! salval-o!

GOVERNADOR.

Sim, trahindo o meu juramento, trahindo a con-
 fiança d'el-rei, arriscando-me a levar ao cadafalso
 esta cabeça.

BRANCA.

Meu Deos ! meu Deos !

GOVERNADOR.

Bem o sabeis, el-rei é implacavel ; bastaria a menor suspeita. . . E julgais, senhora, que aquillo que eu não faria por meu amigo, por meu irmão. . .

BRANCA.

Oh ! está perdido ! perdido !

GOVERNADOR.

Talvez.

BRANCA.

Ah ! fallai !

GOVERNADOR.

Ouvi-me, senhora. O momento é solemne. Bem o dizeis, Eduardo está perdido.

BRANCA.

Oh ! não ! não ! porque o pdeis salvar ; ainda agora o dissestes !

GOVERNADOR.

Só por meio da fuga é que o poderia conseguir ; e, ainda neste caso, perdida fica para elle a esperança de possuir-vos, pois nunca mais ha-de apparecer em Portugal, onde fica suspensa sobre sua cabeça a espada da justiça ; e, ainda que Eduardo fosse innocente, D. Branca não ha-de desamparar a velhice de seu tio, manchar a sua fama, cobrir de opprobrio o nome de seu pai, partilhando o exilio de um condemnado, unindo sua existencia á existencia de um condemnado !

BRANCA.

Ah ! que elle viva ! embora uma separação eterna. . .

GOVERNADOR.

Pois bem ! (*Vai ver se ha alguem na ante-sala, e fecha a porta.*)

BRANCA, *á parte.*

Não sei porque. . . mas estou a tremer.

GOVERNADOR.

Ouvi-me. Eduardo será salvo.

BRANCA.

Salvo! salvo! Ah! repeti, repeti esta palavra.

GOVERNADOR.

Será salvo. Hei-de abrir-lhe as portas da prisão. Munido de um salvo-conducto, e debaixo de um nome supposto, ha-de atravessar a fronteira, sem o menor risco; e quando tiverdes em vossa mão a certeza de que já não póde correr nenhum perigo. . . eu irei pedir-vos o premio da minha dedicação.

BRANCA.

A mim?!

GOVERNADOR.

A vós, porque por vós, só por vós, é que o salvarei.

BRANCA.

Não vos comprehendo.

GOVERNADOR.

Oh! que já me haveis comprehendido!—D. Branca, sereis minha esposa.

BRANCA.

Vossa esposa? eu! vossa esposa!!!

GOVERNADOR.

E em troco de vossa mão, a liberdade, a vida de Eduardo.

BRANCA.

Oh! dissei-me, dissei-me que é um gracejo horrivel!!!

GOVERNADOR.

Esposa de um homem que, desde o momento fatal em que lhe appareceste, não tem gozado um só momento de descanso; de um homem, a quem fizestes comprehender sobre a terra as delicias do céu, e soffrer os tormentos do inferno; de um homem, que vos ama com amor cego, louco, furioso, terrivel, e que por vós é capaz de arrostar o mesmo inferno!

BRANCA.

Horror ! horror ! Mas . . . que raio de luz me illumina ! Sim ? Eduardo . . . innocente . . . victima de um trama horrivel !

GOVERNADOR.

Que dizeis ?!

SCENA XII.

OS MESMOS, D. ISABEL.

ISABEL.

A verdade !!!

GOVERNADOR, BRANCA.

Isabel ! (*Branca foge para os braços de Isabel.*)

GOVERNADOR.

Maldição ! — (*Furioso.*) Senhora ! como estais aqui ? ! !

ISABEL.

Deos ! Deos foi quem aqui me conduzio , para certificar-me da innocencia de meu filho , para que houvesse mais uma testemunha da tua infamia , para que eu possa clamar com Branca : Eduardo é innocente ! é innocente ! e o criminoso , o falso accusador , ali , ali o tendes — o Governador de Braga , aquelle que , para satisfazer o seu desejo infame , para roubar-lhe a amante , não duvida accusal-o de um crime ! — Vamos !

GOVERNADOR.

Ide pois ! e haveis de acrescentar que Henrique defendeo-se sem puxar da espada . . .

ISABEL.

Não ! mas direi que tu mesmo a repuzeste na bainha !

GOVERNADOR.

Que as testemunhas . . .

ISABEL.

Falsas ! falsas !...

GOVERNADOR.

Mas não sereis acreditadas. — Duas insensatas, que querem a toda a força salvar um criminoso. E entretanto, a justiça d'el-rei não soffre demoras, e Eduardo será condemnado; e brevemente vereis erguer-se na praça publica um cadafalso...

ISABEL.

Cala-te ! cala-te ! maldito ! — Cada uma das tuas palavras é um punhal que me retalha o peito ! — Mas não ! não é possível ! não has-de commetter tamanha atrocidade ; não has-de torturar assim o coração de uma mãe ! (*Ajoelha.*) Senhor ! pela memoria de vosso pai, pelo amor que vos tinha a vossa mãe, tende compaixão de mim.

BRANCA.

Sim ! salvai Eduardo, e tudo esquecerei !

GOVERNADOR.

Salval-o, sim ; mas, renunciar a vós, nunca ! nunca ! Haveis-de ser minha, ainda que depois houvesse de acabar entre os tormentos. Minha resolução é tão inabalável como os decretos do Destino. Eduardo está em meu poder ; quando não queira esperar pelo algoz, eu mesmo irei cravar-lhe no peito este punhal. Ou haveis de ser minha, ou ha-de morrer !

ISABEL.

Oh ! amaldiçoado sejas tu nesta vida e na eternidade ! — Não ! não é homem ; não é uma creatura formada á imagem de Deos ; é um monstro de nova especie, que o inferno horrorizado vomitou do seu seio !!! — Mas meu filho ! meu filho ! — Branca ! tu, só tu o poderias salvar !...

BRANCA.

Salval-o ! salvai-o por tal preço !

ISABEL.

Oh! não! Unir o teu destino ao destino desta féra. . . . é impossível! e eu não sou quem te ha-de pedir tão horrivel sacrificio! — Ha-de morrer. . . . eu tambem hei-de morrer. . . . Meu Deos! se eu pudesse morrer já! Mas não! quero vel-o, abraçal-o ainda uma vez; e depois. . . . Branca! escuta. . . . Este sino. . . . é o signal do supplicio. . . . aquellas ondas de povo. . . . correm para a praça publica. . . . e lá, ao longe. . . . aquelle objecto medonho. . . . o cadafalso! Erguido para quem? . . . para meu filho!

BRANCA.

Não! não ha-de morrer!

ISABEL.

Oh! eu serei tua escrava! eu te servirei de joelhos! eu beijarei a terra em que pisares! . . .

BRANCA.

Adeos! adeos, Eduardo. (*Ao governador, com um escarneo misturado de horror.*) — Eu serei tua!

GOVERNADOR.

E Eduardo será salvo; e um silencio eterno. . . . Mas, uma promessa não basta. Haveis de fazer ambas um juramento, um juramento terrivel. (*Pegando n'uma Biblia in-folio.*) Vede! este livro, é a palavra de Deos; (*abrindo-a*) esta imagem, a imagem de Deos agonisante. (*A Branca.*) E agora, vós primeira, dizei comigo! — Pelo céo que me ouve!

BRANCA, com horror crescente, até o fim.
Pelo céo que me ouve.

GOVERNADOR.

Sobro o corpo de Deos crucificado!

BRANCA.

Sobro o corpo de Deos crucificado.

O GOVERNADOR DE BRAGA.

GOVERNADOR.

Pela salvação eterna de minha mãe. . . .

BRANCA.

Pela salvação eterna de minha mãe. . . .

GOVERNADOR.

Eu juro. . . .

BRANCA.

Eu. . . . Não posso ! não posso ! (*Deixa-se cahir
n'uma cadeira.*)

ISABEL.

De joelhos, com os braços estendidos para Branca.

E meu filho ! meu filho !. . .

GOVERNADOR.

No cadafalso !!!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III.

Morramos juntos!

Sala n'uma prisão, com portas communicando com diferentes carceres. N'uma mesa, os restos de uma ceia; uma bilha, duas taças, facas, etc.

SCENA I.

MATA-LOBOS, GREGORIO.

(Estão jogando aos dados.)

GREGORIO.

Nove! — Emfim!

MATA-LOBOS.

Onze!

GREGORIO.

Irra! — Cinco!

MATA-LOBOS.

Seis!

GREGORIO.

Oito!

MATA-LOBOS.

Seis!

GREGORIO.

Ainda bem! — Cinco!

MATA-LOBOS.

Sete!

GREGORIO.

Nove!

MATA-LOBOS.

Dez!

GREGORIO.

É uma maldição! — Dez ducados! dez ducados pela ultima!

MATA-LOBOS.

Dez ducados! — Topo!

GREGORIO.

Deixai-me jogar primeiro.

MATA-LOBOS.

Como quizerdes.

GREGORIO.

Onze! onze! E agora?

MATA-LOBOS.

Doze!!!

GREGORIO.

Inferno!!! — Quem sabe se os dados....

MATA-LOBOS.

Pegando da faca, e saltando sobre elle.
Miseravel!!!

GREGORIO, *travando-lhe do braço.*

Tenha mão! tenha mão!

MATA-LOBOS.

Roubar, arrombar, matar, isto sim! mas furtar no jogo, como um vil ratoneiro!

GREGORIO.

Não vedes que eu estava brincando?!

MATA-LOBOS.

Ah? sim? — Pois faze de conta que esta faca tambem queria divertir-se com tua garganta.

GREGORIO, *á parte.*

Que lobishomem! (*Alto.*) Ora vamos, não fallemos mais nisso.

MATA-LOBOS.

Estou offendido.

GREGORIO.

Vamos, á nossa saude.

MATA-LOBOS.

Á minha saude.

(Bebem.)

GREGORIO.

E agora, á nossa reconciliação.

MATA-LOBOS.

Uuum! — Emfim! não sou rancoroso.

(Bebem.)

GREGORIO.

Pois havieis ficar mal comigo? vós, que por tanto tempo fostes meu inquilino, meu hospede?

MATA-LOBOS.

E sabe Deos com que sem-ceremonia me trataveis, Sr. Gregorio!

GREGORIO.

Bem vedes que um carcereiro com seu preso. . .

MATA-LOBOS.

Mas, Sr. Gregorio, quando o carcereiro é tão velhaco como o preso. . .

GREGORIO.

Oh! fazeis-me muita honra! Ao pé de vós, não sou mais que um aprendiz!

MATA-LOBOS.

Ora, Sr. Gregorio, quando eu me achava debaixo das vossas chaves, quando me fallaveis peor do que se falla a um animal, pois sois muito mal criado, Sr. Gregorio — naquelle tempo, digo, quem vos dissesse que algum dia terieis a honra de comer, beber e jogar comigo! e, sobretudo, que me havieis de fazer a barba! — pois vós me fizestes a barba, Sr. Gregorio.

GREGORIO.

É já a decima vez que m'o dizeis, como se o pre-

tendesse negar ; e podeis accrescentar , que nunca barba de homem de bem foi tão bem paga .

MATA-LOBOS .

Ora , depois que tivermos desamparado esta gaiola com o vosso preso , que pretendeis fazer , Sr. Gregorio ?

GREGORIO .

Eu sei ! Hei-de arraigar-me em algum cantinho , e fazer com que renda o meu dinheiro .

MATA-LOBOS .

Adevinho : vender azeite , comprar objectos furtados , dar dinheiros a logro , ou outro qualquer trafico vergonhoso . — Vinde antes comigo .

GREGORIO .

Eu ! comvosco ? !

MATA-LOBOS .

Poderieis estar em peor companhia . E se soubesseis como é bella a vida do salteador ! Liberdade ! completa liberdade ! Uma serie não interrompida de prazeres e perigos . Morar em cavernas , correr pelos montes , entranhar-se nas florestas !

Já de emboscada ,

Já fugidor ,

Já perseguindo ,

Já vencedor . . .

Ah ! quanto é bella !

Ah ! quanto é bella

A vida do salteador !

De manhã , o jejum , com uma marcha forçada ; agora , um combate renhido ; logo , um toque de rebate , uma fuga precipitada ; e á noite , á noite ! o prazer , o descanso , a partilha dos despojos ; á noite , o vinho , o jogo , as rixas , o amor ! Adormecer com o copo na mão , nos braços de sua bella , ao som de uma gritaria infernal ; e depois , acordar ao som das armas ! . . .

AMBS.

Ah ! quanto é bella !
 Ah ! quanto é bella
 A vida do salteador !!!

GREGORIO, *á parte.*

Mas não me serve !

MATA-LOBOS.

E assim é que um homem vive livre , contente , e
 ganha fama !

GREGORIO.

Fama de salteador !

MATA-LOBOS.

Pois então ? — E o que são todos esses tão gabados conquistadores, senão salteadores em grande escala ? — Nós tomamos o alheio ; e elles, o que fazem ? Nós outros salteadores, salteamos, queimamos uma casa ; elles, salteiam, abram-cida les e provincias inteiras. Nós despachamos algum sujeito mais renitente ; elles degollam milhares de individuos. Ás vezes, nem á idade, nem á fraqueza perdoam ! Ao som dos gemidos, ao clarão dos incendios que atearam, embebem a espada no sangue gelado de um velho ; rasgam o seio da donzella que forçaram ; apunhalam a mãe sobre o cadaver da sua filha ; despedaçam crianças sobre as pedras !!! — Olha, tu me acreditarás se quizeres, mas nunca fiz mal a uma criança, nunca matei uma mulher !

GREGORIO.

De veras ?

MATA-LOBOS.

Matar uma mulher ? oh ! não ! É um desses escrupulos que um homem não póde comprehender, mas é assim.

GREGORIO.

Á fé que se as mulheres soubessem da vossa delicadeza, não-vos-hiam muito agradecidas.

MATA-LOBOS.

Então, que resolves?

GREGÓRIO.

Pelo que vejo, a vossa profissão tem seu lado agradável; mas também tem seus riscos; e costumais acabar por um salto . . .

MATA-LOBOS.

Mortal. É um instante.

GREGÓRIO.

Mas um instante que vale por mil! — Para quem está acostumado. . . .

MATA-LOBOS.

Acostumado a morrer enforcado! — És um poltrão, um inaricas, um gallinha; nunca passarás de vil carcereiro, de rato de gaiola; e só serves para fazer a barba aos da minha especie.

GREGÓRIO.

Ainda essa maldita barba! Já não tem a menor graça!

MATA-LOBOS.

Para ti, não duvido; mas, se para mim tem tanta! — Dize-me, está occupado o meu antigo quarto?

GREGÓRIO.

Ainda não appareceu inquilino digno do aposento.

MATA-LOBOS.

Ora bem, não me hei-de partir sem visital-o. (*Melancólico.*) Quero gozar a liberdade no mesmo lugar em que a julguei perdida para sempre; quero despedir-me de meus muros denegridos, de meu leito de palhas, companheiros de tanto tempo! A estas horas, não verei a luz do dia, que enfiando-se pelo estreito respiradouro, me vinha allumiar as minhas trevas, e trazer-me uma lembrança da terra; mas, aquelle raio da lua, tão meigo, tão consolador, que

vinha bater no meu rosto, e costumava despertar em mim tão singulares idéas! — E verdade! e meus ratos? meus ratos! esses unicos companheiros animados de minha solidão, que vinham comer do meu pão e beber da minha agua, que será feito delles?! (*Accende um candieiro, e sahe.*)

SCENA II.

GREGORIO.

Forte cousa! forte cousa! — Aquelle ladrão de estradas escrupulisaria em furtar no jogo. Aquelle desalmado, que é capaz de matar qualquer homem, comtanto que não seja mulher. nunca fez mal a uma criança; e enche-se de ternura, ao pensar no jejum forçado de uns miseraveis ratos! — Não sei como, ao sah r daqui. não me recommendou que lhes levasse de comer! Era o que faltava!

SCENA III.

FR. EUSEBIO, GREGORIO.

GREGORIO.

Oh! Fr. Eusebio! — Por onde entrastes?

EUSEBIO.

Pela porta.

GREGORIO.

É verda'le, ainda lá está o meu ajudante. — Aliás, julgo-vos muito capaz de entrar pelo buraco da chave.

EUSEBIO.

Aquelle preso doente, como vai?

GREGORIO.

Sempre o mesmo.

EUSEBIO.

Quero vel-o.

GREGORIO, *dispondo-se a abrir o carcere.*
Podeis entrar.

EUSEBIO.

Depois, hei-de despedir-me do moço Eduardo.

GREGORIO.

Com que, sempre partís?

EUSEBIO.

Amanhã. — Deve estar abafado naquelle estreito carcere. Manda-o vir para aqui.

GREGORIO.

Para aqui! sahir do seu carcere? um preso sentenciado a morrer! É cousa. . . . (*Fr Eusebio põe-lhe na mão algum dinheiro*) é cousa mui praticavel.

EUSEBIO.

Bem. Abre-me a porta do doente.

(*Gregorio abre a porta, e entra Fr. Eusebio.*)

SCENA IV.

GREGORIO; depois o GOVERNADOR; depois MATA-LOBOS.

GREGORIO, *olhando para o dinheiro.*

Este Fr. Eusebio tem um mo lo de argumentar a que não é possível resistir. — Quem vem lá? — O Sr. Governador!

GOVERNADOR, *embuçado.*

Mata-Lobos?

GREGORIO.

Foi despedir-se dos seus ratos.

GOVERNADOR.

Vai chamal-o.

GREGORIO.

Não é preciso. — Eil-o que ahi vem,

MATA-LOBOS.

Boa noite, Sr. Governador.

GOVERNADOR, a Gregorio.

Retira-te.

GREGORIO.

É verdade! está ali dentro....

GOVERNADOR.

Quem?

GREGORIO.

O Frade.

GOVERNADOR.

Maldito! hei-de encontral-o em toda a parte!
 (*A Mata-Lobos.*) Segue-me.

MATA-LOBOS.

É escusado: hei-de achar um meio. . . e, como os mais simples são sempre os melhores. . . (*Vai correr um ferrolho na porta por onde entrou o Frade.*) Agora, nem nos poderá ouvir, nem interromper-nos a conferencia.

(*Mata-Lobos acena a Gregorio para que se retire. Este sahe.*)

SCENA V.

GOVERNADOR, MATA-LOBOS.

GOVERNADOR.

Está tudo prompto?

MATA-LOBOS.

Tudo.

GOVERNADOR.

O disfarce?

MATA-LOBOS.

Ali.

GOVERNADOR.

O guarda chaves?

MATA-LOBOS.

Uma licença de dous dias.

GOVERNADOR.

E partís?

MATA-LOBOS.

Às onze.

GOVERNADOR.

Mata-Lobos... .

MATA-LOBOS.

Senhor!

GOVERNADOR.

Estou resolvido.

MATA-LOBOS.

Ha?

GOVERNADOR.

Eduardo... ha-de morrer.

MATA-LOBOS.

Não lho vejo inconveniente.

GOVERNADOR.

Ha-de morrer, porque, enquanto vivesse, eu não teria um só momento de descanso. Voltaria a Portugal, iria ter com el-rei... .

MATA-LOBOS.

E o capitulo das averiguações não vos seria muito favoravel.— E a mãe?

GOVERNADOR.

Já está quasi douda. Quando julgar que Eduardo já chegou á França, irá ter com elle... e quando lhe constar... Além disso, ninguem saberá d'onde partio o golpe.

MATA-LOBOS.

Dizeis bem: se não morre, o que é o mais certo, fica douda de todo.

GOVERNADOR.

Logo que Eduardo tiver atravessado a fronteira ,
 escreverá a Isabel , para dizer-lhe que já se acha em
 silvo. Só depois de receberem essa carta é que pô-
 derei reclamar o cumprimento da promessa. Eduardo
 tem que atravessar a Hespanha até os Pyreneos ;
 andar-lhe-has sempre no encalço ; e logo que achares
 ocasião favoravel. . . . (dá-lhe um punhal) com-
 prendes ? . . .

MATA-LOBOS , *experimentando a ponta e a lamina.*
 Se fallais tão claro !

GOVERNADOR.

Despojado por salteadores , morto por saltea-
 dores

MATA-LOBOS.

Cousa que todos os dias acontece.

GOVERNADOR.

Talvez , um silencio eterno ácerca do seu destino ;
 e então , para mim , o socego , o esquecimento do
 passado , a posse indisputada de D. Branca. D.
 Branca !

MATA-LOBOS.

Isso tudo para vós ; e . . . para mim ?

GOVERNADOR , *dando-lhe uma bolsa.*

Toma ; é ouro.

MATA-LOBOS , *sopesando a bolsa.*

Não duvido.

GOVERNADOR.

Logo que tiveres concluido , receberás o dobro.

MATA-LOBOS.

O dobro ! — Onde ? por quem ?

GOVERNADOR.

Nunca mais pisarás em Portugal !

MATA-LOBOS.

Já sei ! — Mas , esse dobro ?

GOVERNADOR.

Mandar-me-has alguém de quem possas fiar-te.

MATA-LOBOS.

Fiar-me! sendo sujeito da minha igualha?...
Emfim, hei-de fazer a diligencia.

GOVERNADOR.

Nada de escrever!

MATA-LOBOS.

Fôra-me difficil.

GOVERNADOR.

Nem esse homem deverá saber. . . .

MATA-LOBOS.

Socegai.

GOVERNADOR.

E quem me certificará? . . .

MATA-LOBOS.

Desconfiais de mim?!

GOVERNADOR.

Quero provas.

MATA-LOBOS.

Provas?! — Talvez que, á meia noite, um espectro ensanguentado. . . .

GOVERNADOR.

Cala-te. Eduardo traz sobre o peito um retrato de seu pai, que nunca lhe hão-de roubar enquanto vivo. . . . Quero esse retrato.

MATA-LOBOS.

Tel-o-heis.

GOVERNADOR.

Bem. — Agora, nunca mais nos havemos-de encontrar.

MATA-LOBOS.

Nunca! — excepto. . . .

GOVERNADOR.

Onde?

MATA-LOBOS.

Na caldeira de Satanaz. (*Sahe o Governador.*)

SCENA VI.

MATA-LOBOS; depois GREGORIO; depois
EDUARDO.

MATA-LOBOS.

Vamos agora soltar o nosso preso. (*Vai correr o ferrolho, e olha para dentro.*) Ainda não acabou a conferencia, e nada percebeo.

GREGORIO, *chegando.*

Fr. Eusebio não póde tardar; vamos....

MATA-LOBOS.

Boa noite, Sr. Gregorio. Estou com somno (*deitando vinho e bebendo*); vou tomar uma sogá, a ver se durmo um bocádo, Quando fôr tempo, chamar-me-heis.

GREGORIO.

Está bem.

MATA-LOBOS.

Comtudo, se quizesseis. . . .

GREGORIO.

O que ?

MATA-LOBOS.

Aparar-me estas barbas.

GREGORIO.

Ide-vos c'os seiscentos mil demonios !

(*Mata-Lobos sahe rindo.*)

GREGORIO.

Maldito ! já não larga o bordão ! — Vamos abrir ao outro. (*Abre.*) Coitado ! se soubesse que daqui a duas horas. . . Mas, caluda. — (*Chamando.*) Sr. preso ! ó Sr. preso ! vinde cá para fóra ! Não tenhais medo ; não é para a cousa, não : não são horas de se descabeçar a gente. É uma visita.

EDUARDO, *entrando*.

Minha mãe ! e talvez. . .

GREGORIO.

É Fr. Eusebio. (*Eduardo deixa cair a cabeça sobre o peito, e não escuta mais.*) Fr. Eusebio, que vem despedir-se de vós. — Pobre rapaz !. . . (*Sahe.*)

SCENA VII.

EDUARDO, *proseguindo no seu pensamento*.

Não, não foi sonho ; foi no mesmo dia em que teve lugar esse fatal encontro. — Era n'um sitio aprazível e solitario ; estavamos sentados sobre a relva. Por cima de nós, a immensidade do céu ; diante de nós, uma scêna risonha e magestosa. Minha fronte descansava no seio de minha mãe ; minha mão apertava a mão de Branca. Sentia o bater mais apressado do seu coração ; seus labios sorriam para mim ; seus olhos eram cheios de ternura. E eu . . . eu chorava ! — Alheado de mim, afogado n'um mar de delicias, eu via deslizar-se diante de mim, como as ondas de um rio magestoso, um sem numero de dias tão puros, tão risonhos como esse ! Este coração, que já me não cabia no peito, elevava-se ao Autor da natureza, para lhe agradecer tanta ventura ! — E entretanto, o sol descia no horizonte, o vento respirava na folhagem, os passaros cantavam em seus ninhos. — E agora . . . agora . . . Meu Deus ! que horrivel despertar ! (*Pausa.*) Assassino . . . condemnado por assassino . . . morto por assassino . . . Sim ! sou um assassino ! Quem o póde duvidar ? quem haverá que acredite na minha innocencia ? — Minha mãe ; e talvez *ella*. — Acaso faltaram provas ? Provas ! — Sim ! provas ! — Esse encontro sem testemunhas, essa espada achada na bainha, esses homens, esses homens ! que me viram perpetrar o crime ! ! Seriam elles de boa fé ? Quem

sabe? A distancia, a obscuridade, — era quasi noite. — Mas, a espada, essa espada que ameaçava o meu peito, essa espada que me obrigou a puxar da minha, quem a deitou na bainha? quem? — Não, não são illudidos! são comprados! comprados! — Mas por quem? com que fim? só para ver morrer um innocente? Que interesse pôde alguém ter na minha deshonra, na minha morte? quem pôde nutrir contra mim um odio tão intranhavel, que me queira arrojear ao cadafalso? — Não sei! Minha cabeça é um cháos; estou cercado de trevas. O passado é um sonho; o presente, um horrivel pesadelo; e o futuro... o futuro! — Oh! se tudo acabasse comigo! se nada mais perdesse além da vida! — Morrer hoje, morrer mais tarde, tudo é morrer. — Mas Branca! mas minha mãe! minha mãe! que será della?

Senta-se, e cobre o rosto com as mãos.

SCENA VIII.

FR. EUSEBIO, EDUARDO.

EUSEBIO, *chamando.*

Eduardo! (*Silencio.*) Eduardo!

EDUARDO.

Quem me chama?

EUSEBIO.

Não me conheces?

EDUARDO, *erguendo a cabeça, e frio.*

Fr. Eusebio. (*Levanta-se.*)

EUSEBIO.

Coragem! resignação!

EDUARDO.

Palavras bem faceis de proferir! — Quando um desgraçado está submergido no mais profundo do

abyssmo, quando extinguiu-se no seu peito a última centelha de esperança, faz-se retumbar em seus ouvidos estas vozes tão oucas de sentido: — Coragem e resignação!

EUSEBIO.

E Deos?!

EDUARDO, *ironico*.

Deos! Onde está sua justiça?

EUSEBIO.

Impio! blasphemador! — Tu, mesquinha creatura, que rojas sobre a terra, que arrastas nas trevas a tua existencia de um só dia; tu, cujos olhos deveis nem podem fixar o sol que te allumia, atreves-te a murmurar dos designios da Providencia!!!

EDUARDO.

Perdoai-me! perdoai-me! A nada me atrevo, de nada murmuro. Deos aceite estes padecimentos como expiação das minhas culpas! — Mas, compadecei-vos da minha fraqueza: despi o vosso semblante dessa severidade que me atemorisa. Se quereis que vos comprehenda, chorai comigo; se quereis que vos oiça, fallai-me de minha mãe, fallai-me *della*.

EUSEBIO.

Desgraçado! temes a morte.

EDUARDO.

Oh! sim! temo a morte, porque minha morte é a deshonra de minha mãe, a morte de minha mãe. — Oh! não me houvera de acobardar, se a fosse encontrar com as armas na mão, em serviço da patria e d'el-rei! — porque esta morte, não é um espectro medonho; apresenta-se-nos cingida de gloria, despida de todo o seu horror; e um dia, quando lhes fallassem de Eduardo, ambas ellas diriam com orgulho: — Morto como seu pai, no campo da batalha! — Mas a infamia! o cadafalso!

EUSEBIO.

Sim ! é horrivel, muito horrivel !

EDUARDO.

E comtudo... Padre ! padre ! sou innocente !
 Embora quizesse mentir aos homens, não se póde
 mentir a Deos ; e ajoelhado no calafalso, em pre-
 sença da morte, em presença de Deos que me ha-de
 julgar, com a cabeça debaixo do cutello, ainda cla-
 marei : Sou innocente !!!

EUSEBIO.

Eu te creio.

EDUARDO.

Obrigado ! obrigado !

EUSEBIO.

Mas, esta minha convicção de nada te poderá
 servir. — Comtudo... Deos é grande ! e a mão
 poderosa que esmaga as nações, que derriba do fas-
 tigio o mais orgulhoso potentado, que nivela com as
 areias do deserto os mais florescentes imperios, tam-
 bem pó le tirar-te do abysmo. Volve para Deos teus
 pensamentos to los ; e se tens de soffrer, ao menos
 soffrerás com mais constancia.

EDUARDO.

Mas Branca ! mas minha mãe !

EUSEBIO.

Escuta !...

*(Fr. Eusebio retráe-se na penumbra de uma pi-
 lastra, de maneira a não ser visto. Entram D.
 Branca e D. Isabel.)*

SCENA IX.

EDUARDO, D. ISABEL, D. BRANCA,
 FR. EUSEBIO.

ISABEL, correndo a Eduardo.

Eduardo ! meu filho !

EDUARDO.

Minha mãe! (*Abraçam-se.*) E Branca! Branca! —
Meu Deus! eu não esperava tanta consolação! —
Branca! sou innocente!

BRANCA.

Sim! és innocente, e nunca duvidei!

ISABEL.

Eduardo! esta noite serás livre!

EDUARDO.

Livre?! Que dizeis?!

ISABEL.

Serás livre.

EDUARDO.

Meu Deus! é possível que finalmente... Mas,
para que esta noite? porque não á luz do dia?

ISABEL.

Has-de fugir.

EDUARDO.

Fugir! fugir como um criminoso?!

ISABEL.

Sim, para que um dia te possas justificar.

EDUARDO.

E quem me abre as portas da prisão?

ISABEL.

Que te importa saber-o, comtanto que te sejam
abertas?

EDUARDO.

Mas....

ISABEL.

Tudo está prevenido; não podes correr o menor
risco. (*Baixo.*) Has-de sahir de Portugal; e logo
que estiveres em segurança, eu irei ter contigo.

EDUARDO.

E Branca?! Branca?! — Pois hei-de justificar-me,
hei-de esmagar a cabeça dos infames; (*a Branca*)

e então, virei recordar-te o nosso amor, pedir-te o desempenho da fé jurada; e voarás a meus braços. . .

EUSEBIO, *avançando.*

Nunca!!!

ISABEL, BRANCA.

Fr. Eusebio!

EDUARDO.

Nunca! nunca! dizeis vós. (*A Isabel*) Que significa esta palavra?

ISABEL.

Nada me pergunte!

EDUARDO.

Nada! — (*A Branca.*) E tu? . . . (*Branca cobre o rosto com as mãos.*) Também nada! — Este silencio. . . estas lagrimas. . . Meu Deus! que estranho mysterio é este?! — (*Ao frade*) E vós. . .?

EUSEBIO.

Nada te hão-de responder, porque é cousa sagrada um juramento!

EDUARDO, *attonito.*

Um juramento!

BRANCA.

Céus!

ISABEL, *espavorida.*

Que homem é esse?!

EUSEBIO.

Sou Fr. Eusebio.

EDUARDO.

Um juramento! dizeis vós.

EUSEBIO.

Sim; mas eu. . . não fiz nenhum juramento, e posso dizer-te por que preço compraram tua vida. A ti, a liberdade; ao Governador, a mão de D. Branca!

(*Branca e Isabel ficam attonitas.*)

EDUARDO.

Infamia!!! — E agora. . . Oh! sim! tudo, tudo comprehenlo! Esse trama infernal. . . é elle! é elle! (*A Branca.*) E tu! . . . Ah! desmente, desmente este homem! dize que recusaste com horror, que nem para salvar-me do inferno. . . Mas que! nada respondes! — Calada! sempre calada! — É pois verdade! . . .

ISABEL.

Oh! se soubesses! . . .

EDUARDO, *a Branca.*

Perfida! perfida! dize, quem te autorizou a resgatar-me a vida a preço de tamanha infamia? — Tu! Branca; tu! esquecida de um amor tão puro, tão ardente, que devia abraçar-nos para sempre! salvar-me a vida, para fazer-me soffrer uma morte mais lenta, mais horrivel!! — E pensaste que eu seria tão cobarde. . . Mas que digo? — Oh! não te foi mui penoso o sacrificio. . .

BRANCA, *indignada.*

Desgraçado!

EDUARDO.

E já te tardava saber-me longe da patria, errante e fugitivo, para te entregares a teu infame amante!

ISABEL.

Eduardo! . . .

EDUARDO.

Mas, estás enganada; nem te poderás gabar de haver-me livrado do supplicio. Depois de calcareas aos pés nosso amor, os mais santos juramentos, has-de tambem calcar o meu cadaver!

ISABEL.

Attende-me!

EDUARDO.

De cima do cadafalso, hei-de lançar-te em rosto

a tua perfidia ; e os ultimos accentos do condemnado , serão de — maldição

ISABEL , *tapando-lhe a boca.*

Ah ! não blasphemes !

BRANCA.

Meu Deus ! vós o ouvis ! — Bem quizera soffrer calada ; mas , este pobre coração é demasiadamente torturado , para não deixar fugir um grito de angustia ! — Quem é que me accusa ? quem ? — Tu ! Eduardo ? tu és quem me accusa , quando por ti me tenho condemnado ao supplicio mais atroz que se póde imaginar ! — Já sabes o que é sentir agonisar em seu peito as ultimas esperanças ; podes fazer idéa do que é chorar sobre os restos inanimados do ente a quem mais amavamos sobre a terra ; mas , comprehendes o que é estar ligada , ligada para sempre , a um homem que se detesta , a um homem que se não póde encarar sem horror , ao homem que arrancou de mim a parte mais preciosa de mim mesma . que queria mandar-te ao cadafalso , que trocou em um supplicio de todos os instantes uma vida inteira de amor e felicidade ? !

EDUARDO.

Branca ! minha Branca !

BRANCA.

E julgas que por ti . só por ti Oh ! não ! Eu viria ter contigo ; eu te diria : — Meu Eduardo ! já que não podemos ser unidos nesta vida , sejamos unidos na outra . Morramos juntos !

EDUARDO.

Oh ! sim !

ISABEL.

Mas eu ? !

BRANCA. ogte

Mas tua mãe !

EDUARDO, *a Fr. Eusebio.*

E vós, vós que tudo sabeis. . . ?

EUSEBIO.

Nada posso provar; estais condemnado, e parto amanhã.

ISABEL.

Meu Deos! meu Deos!

EDUARDO.

Ouvi! Trazeis-me a liberdade; aceito-a. Oh! sim! a liberdade! Abram-se estas portas! caiam diante de mim estas paredes! Um momento! um só momento! Arrancar-lhe do peito o coração malvado. . . .

ISABEL.

Céos!

EDUARDO.

Rasgal-o com estas unhas. . . .

ISABEL.

Eduardo!

EDUARDO.

Tragal-o com estes dentes. . . .

ISABEL.

Meu filho!

EDUARDO.

E depois. . . .

ISABEL.

Queres matar-me?!

EDUARDO.

Oh! descansai, que não hei-de acabar no cada-falso!

ISABEL.

Eduardo! meu filho! attende-me. Deos pôz em meu peito uma força sobre humana. Como ainda existo, não sei; já nada vejo do que me rodeia; nem

sinto o contacto da terra em que meus pés descansam! Mas esta força, não é valor, não é coragem; é a desesperação do desgraçado que se afoga, que se agarra aos ultimos restos de sua vida; e sinto que a corrente já me arrasta. Brevemente, verás jazer a teus pés o corpo inanimado de tua mãe. E se este somno não fosse perpetuo; se quando tornasse em mim... Eduardo! enquanto me anima um sopro de vida, enquanto esta voz, já quasi extincta, ainda te póde dirigir uma supplica, meu filho! meu Eduardo! tem compaixão de tua mãe!

EDUARDO, *pausado*.

Comprehendo: não quereis que morra o vosso filho; mas, minha mãe, estais enganada: o que chamais a morte, não é a morte.— Morrer, é sobreviver á morte de todas as esperanças; morrer, é perder o objecto das nossas affeições; morrer... (*apontando para Branca*) é separar-me della para sempre! — Vêde como estou tranquillo! Esse homem, já o não quero matar; deixo a Deos o cuidado de punil-o.— Sim! já se extinguiu em meu peito todo o sentimento de vingança! porque, além destas abobadas, cujo peso me opprime, lá vejo surgir a aurora de uma vida tão ditosa!... (*Correndo a Branca, e cingindo-a nos braços.*) Branca! Branca! este mundo não é para nós. Morramos juntos!

ISABEL.

E eu?!

EDUARDO.

Enlaçados nos braços um do outro, hão-de confundir-se nossos derradeiros suspiros...

ISABEL.

Mas eu?!

EDUARDO.

E depois, para sempre, para sempre reunidos...

EUSEBIO, *com voz atroadora.*

No inferno!!! — Sim! abrasado de um amor sem esperança, has-de morrer pela mulher que accendeo em ti esse amor; mas, essa outra mulher, a quem deves a existencia; essa mãe, que com tanta ternura criou tua infancia, que só respira para ti, que só vive de tua vida, não te merece nenhuma contemplação?!

EDUARDO.

Minha mãe!

EUSEBIO.

Que me importa que ella chore, se já não posso ver as suas lagrimas? que brade por mim, se já não poderei ouvir seus gritos? Que importa que o resto de sua vida seja um longo martyrio, se não hei-de presenciar o seu padecimento?!!

EDUARDO, *a Isabel.*

Perdão! perdão!

EUSEBIO.

Assim são os homens! todos egoistas! todos ingratos! Mal vem escaldar-lhes o peito a chamma do amor, pais, irmãos, amigos, tudo se esquece, tudo se sacrifica! — Oh! amaldiçoado seja o amor, que póde assim quebrar todos os vinculos da natureza! — E quando algum, vendo por terra o seu sonho de ventura, saccode de si o fardo da existencia, julga dar ao mundo um grande exemplo de coragem! — Não! não é corajoso aquelle que, quando sôa a hora do combate, quando se trata de pelejar á face do sol, vai cobardemente escender-se nas trevas do sepulchro! — Corajoso é aquelle que, depois de lutar peito a peito com o destino, prostrado, e não vencido, reclinado na beira de seu tumulo, com os olhos fitos no céo, aguarda com socego a hora do descanso!

EDUARDO.

Mas eu , não quero lutar ; quero morrer !

EUSEBIO.

Cobarde !!! — Uma fraca donzella é quem te dá q exemplo do sacrificio , e não tens a coragem de imital-a !

EDUARDO.

Morrer ! morrer para Branca !

EUSEBIO.

E viver para tua mãe !

ISABEL.

Para mim , meu Eduardo , para tua mãe !

EUSEBIO , a *Branca*.

Partamos !

BRANCA.

Não ! é tempo de desenganar-vos ! Muito presumi das minhas forças ! Tirai-me antes a vida !

EDUARDO , *querendo correr para Branca*.

Céos ! que diz ella !

ISABEL , *detendo-o*.

Eduardo ! sem parentes , sem esposo , só tenho a ti para fechar-me os olhos !

EUSEBIO , *travando a Branca pelo braço*.
Segui-me !

BRANCA.

Nunca ! — Eduardo !

EDUARDO.

(*Até o ultimo dito. vai alternadamente de uma para outra.*)

Branca !

ISABEL.

Eduardo !!!

EDUARDO.

Minha mãe !

BRANCA.

Deixai-me! — (*Com os braços abertos.*) Esposo !...

ISABEL, *com os braços abertos.*

Filho !

EDUARDO.

(*Depois de estar entregue a horrivel hesitação.*)

O' minha mãe ! vós me déstes a vida. ... (*Lançando-se nos braços de Isabel.*) Estamos quites !!!

(*D. Branca cahe nos braços de Fr. Eusebio.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV.

Frei Eusebio.

Um salão todo illuminado. Tres portas ao fundo. A' direita do espectador, o aposento de D. Branca; á esquerda, o de D. Isabel. Sobre uma mesa acha-se o necessario para escrever.

SCENA I.

THEODORA.

(Acaba de dar a ultima mão ao arranjo da sala.)

Ora bem, já nada falta: entrem quando quizerem os convidados.— Meu Deos! quem é que, ao ver a tristeza que reina nesta casa, diria que aqui mesmo, e hoje mesmo, temos um casamento? Cá para mim, tem mais cara de enterro que de outra cousa. O nosso bom amo, sempre tão divertido, tão folgazão, tão ralhador, já não se ri, já não graceja, já não ralha.— E a Sra. D. Isabel! e minha pobre ama, sobretudo! Corta-me o coração. Aquella tristeza, aquelle silencio quasi continuo. . . Está claro, tem saudades do primeiro, sempre morre pelo primeiro, e não é para menos: tão moço, tão meigo, tão gentil! E pensar. . . Oh! não! não! Só se o visse com meus olhos. O demonio, só o demonio, é que podia tecer este enredo.— Pobre moço! ainda bem que conseguiu escapar-se. A estas horas, está bem longe; mas seu amor, sua D. Branca, perdida, perdida sem remedio; e quando souber que essa menina a quem tanto amava, e de quem era tão correspondido, já está feita mulher de outro. . . de outro! E porque? porque casar com outro, se esse outro lhe não apraz? se está sempre lembrada do primeiro? se vê este casamento com tanta repug-

nancia ? e , de mais a mais , quando ninguem a isso a obriga ? Eis ahi, eis ahi o que não posso entender. — Se o caso fosse comigo , mudava muito de figura , porque eu , o que quero , é casar , seja com quem fôr : moço ou velho , alto ou baixo , feio ou bonito , gordo ou magro , direito ou aleijado , tudo me serve ! — E hei-de casar (*tirando uma carta do bolso*) , mercê de Deos e desta carta , que , por inspiração do bemaventurado Santo Antonio , mandei escrever pelo licenciado João Ferreira da Cruz. Grande homem ! e grande cousa ! Pensar que algumas garatujas pretas n'um papel branco é quanto basta para mandar um pobre homem desta para outra ! Com esta carta , vou metter medo ao Jeronymo , e ha-de casar comigo , porque , no fim de contas , e por mais que elle diga , mais vale casar com uma mulher do que com a forca. — Oh ! eil-o ahi vem. . . . comecemos.

SCENA II.

THEODORA , JERONYMO.

JERONYMO.

(*Á porta , julgando que não foi percebido de Theodora.*)

Que diabo está ella resmungando com aquelle papel na mão ?

THEODORA.

(*Fingindo ignorar que ali está Jeronymo.*)

Está dito , el-rei já regressou ao Porto ; dentro em pouco , temol-o aqui , e mando-lhe esta carta.

JERONYMO , á parte.

A el-rei !

THEODORA.

El-rei desdobra o papel (*desdobra-o*) ; vira-o. . . assim. . . não ! assim. (*Vira-o em todos os sentidos.*) Ora , tudo é o mesmo ! — e lê : (*Durante a leitura*,

Jeronymo faz gestos de colera, indignação, etc.)

« Senhor Rei! uma desgraçada menina. . . »

JERONYMO, *á parte.*

Menina!

THEODORA.

« A olha aos pés nesta carta de Vossa Alteza,
« para pedir a Vossa Alteza, justiça. Eu, a dita
« menina, fui atrozmente abusada por um brejeiro
« chamado Jeronymo, o qual, por meio de que-
« brantos, malefícios, e outras artes damnadas,
« valendo-se da minha innocencia. . . »

JERONYMO, *á parte.*

Oooh!

THEODORA, *chorosa.*

« Et cetera, et cetera. . . Portanto, Senhor Rei,
« eu, a dita menina, supplico a Vossa Alteza
« haja por bem mandar enforcar o dito brejeiro, ou
« obrigar-o a casar com a victima de sua brutali-
« dade. E. R. M. »

JERONYMO, *á parte.*

Ah! cachorra!

THEODORA.

E agora el-rei (*com voz grossa*): Peguem nelle
para enforcar!

JERONYMO, *chegando-se.*

O' serpente!

THEODORA.

Oh! estava aqui?!

JERONYMO.

O' maldita! ó tição do inferno! ó diabo! ó mu-
lher! — Guardei o peor para ultimo. — Tens a au-

dacia . o descaramento , a nenhuma vergonha de dizer a el-rei , nesta carta , que eu abusei dos teus quarenta annos !

THEODORA .

Quarenta !

JERONYMO .

Da tua innocencia ?

THEODORA .

Sim ! sim !

JERONYMO .

E et cetera , et cetera ?

THEODORA .

Et cetera , et cetera .

JERONYMO .

Has-de explicar-me este *et cetera* ! has-de me pôr este *et cetera* em pratos limpos !

THEODORA .

Malvado ! ainda te não basta o haver satisfeito o teu desejo ? e queres obrigar-me a proferir cousas . . .

JERONYMO .

O' vaso de iniquidades ! anzol de Satanaz ! dizes bem , sempre tive um grande desejo a teu respeito ; mas ainda não está satisfeito . O meu desejo , é ver-te arder no mais profundo do inferno ! — As provas ! as provas !

THEODORA .

Oh ! não me hão-de faltar !

JERONYMO , *comsigo* .

Sim , o diabo vestio a pelle da serpente , e a serpente tomou a figura da mulher . — O' mulher ! mulher ! eu te desculpo até certo ponto porque és mulher , e não podes deixar de o ser : a tua natureza é ser malvada ; e se entre a tua especie existem algumas boas , são excepções á regra . Deos deo a mu-

lher ao homem para o homem não estranhar muito , quando se encontrar com os demonios no inferno: no inferno , cada reprobado terá duas mulheres : os mais scelerados terão tres. Mas tu , porque me queres infernar já nesta vida ? Mulher ! eu te ex-conjuro que me deixes. (*Pathetico.*) Que mal te fiz , para me perseguires , para que me queiras obrigar a casar contigo ! contigo ! nem que eu fosse o maior dos criminosos !

THEODORA.

Ora , vejam lá o grande castigo !

JERONYMO.

Mulher ! perdoa-me : não tenho culpa ; é minha natureza ; sou inimigo da carne , tenho horror á carne. Se alguma mulher lança em mim as suas vistas , o aspecto dessa mulher incommoda-me. Se se chega para mim , arrepio-me todo. Pegar-lhe na sua mão , é peor para mim do que pegar n'um sapo , n'uma cobra ; e bem vê que com semelhantes opiniões. . . .

THEODORA.

Não quero saber. Hoje mesmo ha-de pedir-me a nosso amo , ou a carta ha-de seguir o seu destino.

JERONYMO.

Hei-de pedir-lhe que te mände exorcisar ! — Ah ! é assim ! Pois sim ! Eu tambem vou escrever a elle ! vou dizer-lhe que és uma furia assanhada contra mim , que te apegas a mim como uma sarna , como uma lepra , como um vesicatorio ! que adoces pela carne , que morres , que arrebatas pela carne ; e que já me quizeste fazer violencia ! Ha !

THEODORA.

Pois sim ! escreve , e veremos qual de nós ha-de ser acreditado. (*A' parte.*) Alguem (*Alto.*) Largue-me ! largue-me , Sr. Jeronymo Olhe que eu grito !. . . (*Foge.*)

JERONYMO.

Meu Deos ! meu Deos ! tende compaixão de mim.
(*Sahe.*)

SCENA III.

D. BRANCA ; depois D. ISABEL.

(*D. Branca sahe de seu aposento, já vestida para a cerimonia. Está mui pallida; vem pensativa, com a cabeça baixa; deixa-se cahir sobre uma cadeira. Dahi a pouco, D. Isabel sahe de seu aposento, e olha tristemente para Branca.*)

ISABEL, á parte.

Meu Deos ! meu Deos ! — E por minha causa !
(*Approxima-se.*) Branca ! Branca !

BRANCA, erguendo a cabeça.

Ah ! sois vós.

ISABEL, ajoelhando.

Perdão !

BRANCA, erguendo-se, e fazendo levantar Isabel.
Perdoar-vos ?... o que ?

ISABEL.

Tu és quem m'ó pergunta ! — Sim ! o amor que lhe tenho tornou-me criminosa ; abafou em meu peito qualquer outro sentimento. Antes o deixasse morrer, e morresse com elle ; pois emfim, para ambos, não era mais que a morte, ao passo que tu... Oh ! não ! Nem te posso pedir que me perdões ! — Porém Branca, era meu filho ! meu filho ! Comprehendes ? ! — meu filho conduzido ao cadafalso, ajoelhado no cadafalso ! Essa cabeça, que vinte annos descansára sobre o meu peito, decepada pelo machado do al-goz !. .. Oh ! para o salvar, houvera perpetrado um crime !. ..

BRANCA.

Isabel! minha mãe!... — Deixai que ainda vos dê este nome que já me foi tão caro, e que agora. . . Minha mãe! removi para longe este pensamento funesto, só proprio para envenenar toda a felicidade que ainda podeis gozar. Nada, nada tendes que arguir-vos. Para salvar Eduardo, só para o salvar, houvera consentido.

ISABEL.

Branca! Branca! eu deveria ajoelhar diante de ti, fallar-te como se falla aos anjos, como se falla a Deos. És mais desgraçada que ninguem jámais o foi, desgraçada por minha causa; e tu és quem procura consolar-me! Mas, não é a mim que poderás enganar com teu sublime artificio, porque este peito, agora animado por um unico sentimento, já experimentou todos os affectos; porque fui esposa, fui amante como tu. Como és amada do filho, fui amada do pai. Eu podia sacrificar-lhe a minha vida, podia morrer com elle; mas, para o salvar, nunca houvera esposado. . . .

BRANCA.

Isabel! minha mãe!...

ISABEL.

Sim! tua mãe! — No teu procedimento vejo qual deve ser o meu.—Branca! a ti, só a ti, é que devo a vida de meu filho, e eu serei tua mãe. Eduardo está salvo; já deve ter chegado á França. Brevemente, devia ir ter com elle; não irei! Embora viva longe de mim, comtanto que elle viva. Um dia, talvez, Deos fará triumphar a justiça, a innocencia! e entretanto, estarei contigo, sempre contigo. Eu te ajudarei a carregar a tua cruz; e quando chorar pela ausencia de meu filho, as minhas lagrimas, eu as derramarei no seio da minha filha! (*Abraça Branca.*)

BRANCA.

Pois sim ; aceito ; ficai comigo até o derradeiro momento... (*A' parte.*) Pouco tempo ficará. (*Alto.*) Quando minha morte já vos houver restituído á liberdade , ireis ter com elle ; e então , tratai de o consolar ; ache elle na ternura de sua mãe o allivio dos seus padecimentos. Dizei-lhe que já não soffro ; fazei com que de mim se esqueça. O tempo ha-de mitigar-lhe a sua dôr ; á desesperação hão-de succeder as saudades , e ás saudades talvez... Oh ! não ! sempre viverei na memoria de vós ambos ! Quando virdes que é chegado o tempo , fallai-lhe de mim , fallai-lhe desses dias tão rapidos da nossa felicidade ; dizei-lhe quanto o amava ; dizei-lhe quanto padeci ; dizei-lhe... mas não ! não lhe digais nada ! (*Deixa-se cahir na cadeira , e desata a chorar.*)

ISABEL.

Infeliz ! — Mas não ! não se ha-de acabar o sacrificio !

BRANCA , *erguendo-se.*

Que dizeis ? !

ISABEL.

Hei-de fallar !

BRANCA.

E o juramento ? !

ISABEL.

Embora !

BRANCA , *solemne.*

Sobre o corpo de Deos crucificado !

ISABEL , *baixo e tremula.*

Sobre o corpo de Deos crucificado !

BRANCA.

Pela salvação eterna de minha mãe !

ISABEL.

Pela vida , pela vida de meu filho !

BRANCA.

Ouvi-me. Não fomos constrangidas ; podíamos deixar de jurar, e nós jurámos ! Eduardo ia morrer , e Eduardo está salvo : aquelle homem cumprio sua promessa, e haveis-de cumprir a vossa, hei-de cumprir a minha , com sacrificio de minha propria vida , porque um juramento , é cousa tremenda , é cousa terrivel ! Jurar pelos objectos mais sagrados , jurar pela morte , pelo sangue , pelas chagas de Jesus-Christo , chamar ao céo por testemunha do juramento , e faltar a esse juramento... oh ! nunca ! nunca o farei ! e se o fizesseis , seria desafiar a Deos ; e Deos havia de castigar-vos , castigar-vos no vosso filho , porque tambem jurastes pela vida do vosso filho !

ISABEL.

Mas , — e o momento está já proximo — estarei ali presente ; e não sabes que a força , que a constancia tem limites ? que estes labios podem fallar involuntariamente ? que este segredo infernal , que já me não cabe no peito , póde despedaçar sua prisão , surgir á luz do dia , e , tão terrivel como o raio , derribar a meus pés o teu verdugo ! — Affonso ! Affonso ! tu te julgas bem certo da victoria ; mas , treme, treme, malvado. Ainda uma vez nos havemos de encontrar !!! (*Sahe.*)

BRANCA.

Não ! não ha-de fallar. A santidade do lugar lhe ha-de recordar a santidade do juramento. Morramos desgraçadas ! mas não blasphemadoras , não sacrilegas !

RODRIGO, *de fóra.*

Já sou convosco.

BRANCA.

Meu tio! (*Enxuga as lagrimas, e affecta um exterior tranquillo.*)

SCENA IV.

D. BRANCA, D. RODRIGO.

RODRIGO.

Minha filha!... Oh! já estás prompta... muito bem! Estão chegados a maior parte dos convidados, e teu noivo já perguntou por ti tres ou quatro vezes. — Mas que é isto? que é isto, minha Branca? Este abatimento, este olhar tão triste, estas faces tão descoradas, isso tudo o que significa? — Na verdade! por mais tratos que dê ao meu espirito, não sei atinar com a causa de tantos suspiros, de tanto chorar! Ora, minha filha, não estou enfadado contigo; conversemos socegradamente, e dize-me: Tu, que tiveste o valor, o bom senso de perder a lembrança de uma união que se tornára impossivel; tu, que sem o menor constrangimento... — nota bem! — que, sem o menor constrangimento, aceitaste outro esposo, como poderás agora motivar este pezar tão grande, estas lagrimas, que debalde me queres encobrir?!

BRANCA.

Meu tio... nada tenho que responder.

RODRIGO, *á parte.*

É estranho! (*Alto.*) Minha Branca! minha filha! — Sim, és minha filha querida, porque em ti concentrei todas as minhas affeições — ; attende-me. Quando ouvi que aceitavas a mão de D. Affonso, enchi-me de alegria, não porque me deslumbrasse um casamento tão brilhante, mas porque D. Affonso, ainda que um pouco fechado, é homem de bem, ama-te muito, e ha-de fazer-te venturosa; exultei

sobretudo, porque estou velho, sou o teu parente mais chegado, e meu maior receio era deixar-te sem arrimo. Tu aceitaste sem objecção, sem hesitação; é chegado o dia da cerimonia; e agora, um rompimento, um rompimento sem motivo, seria despedaçar o coração de D. Affonso, cobril-o de ridiculo, grangear-nos um inimigo irreconciliavel. . . E com-tudo, se estás arrependida, se sentes a menor repugnancia, se julgas que este casamento te haja de fazer infeliz, falla, falla sem o menor receio, e tudo desfaço, a tudo me arrisco, porque primeiro que tudo está a felicidade de minha filha!

BRANCA.

Não! meu tio, não! Bem o dizeis, *não fui constrangida*; e não mudei de resolução.

RODRIGO.

Mas então.. .?

BRANCA.

Meu bom tio! desculpai-me. Sabeis o que são mulheres.

RODRIGO.

Vou sabendo cada vez menos.

BRANCA.

Um ente fraco, caprichoso, que não sabe o que quer, que no mesmo instante obedece a differentes impulsos. . . Uma mulher! está alegre sem motivo; chora. . . sem saber porque. . . porque precisa chorar; e n'um dia como este, a emoção, a felicidade talvez. . . (*A' parte.*) Eu morro!

RODRIGO.

Meu Deos! seu estado me atemorisa!

BRANCA.

Perdão! perdão, meu tio! São loucuras de mulher, a que não deveis prestar a menor attenção; e amanhã talvez. . . Mas, esta hora é solemne; e,

emquanto estamos sós. . . meu tio ! meu pai ! tantos desgostos que já vos tenho causado , e algum que ainda vos haja de causar. . . oh ! dizei-me , dizei-me que tudo me perdoais. . . (*ajoelhando*) e dai-me a vossa benção !

RODRIGO.

Oh ! sim ! eu te abenção ! e nada te perdôo , porque este coração nada tem que perdoar-te.

BRANCA.

Embora , perdoai-me.

RODRIGO.

Já se vio maior teima ! — Pois bem , o passado , o presente , o futuro , tudo , tudo te perdôo ! — Estás satisfeita ?

BRANCA.

Obrigada ! obrigada ! — E agora , fazei-me o favor de dizer a D. Affonso. . . que desejo fallar a sós com elle , que aqui me aguarde.

RODRIGO.

Oh ! . . . Pois sim. (*A' parte.*) Talvez tenha mais geito do que eu. — (*Alto.*) Branca , ainda agora me disseste que amanhã. . .

BRANCA.

Amanhã , serei tranquillã.

(*Entra no seu aposento.*)

SCENA V.

D. RODRIGO.

Ora muito bem ! — Tem ella muita razão : o coração de uma mulher é um poço , e sua cabeça um cativeiro. — De algum tempo para cá , tenho visto e estou vendo cousas que não me é dado comprehender. Aquelle assassinato. . . e Eduardo , Eduardo , que eu já considerava como filho ! accusado , condem-

nado : apparencias , provas , testemunhas , tudo , tudo contra elle ! E comtudo . . . Deos é quem sabe a verdade. — Mas Branca , que tanto o amava , e era tão correspondida ! Branca , que estava em vespervas de casar com elle ; Branca , que , depois do fatal successo , não tem gozado um só dia de contentamento ; Branca , emfim , que eu julgava um modelo de constancia , sem mais nem menos , aceitar a mão de outro ! — Na verdade , D. Affonso muito contribuiu para a fuga de Eduardo ; e a gratidão . . . Porém a gratidão tem seus limites. — E D. Isabel ! será menos inexplicavel o seu procedimento ? — Em vez de ficar com a superior do convento das Urse-linas , até que chegue o momento de ir ter com seu filho ; em vez de fugir a Branca , de offender-se da sua falta de constancia , vem morar aqui ; e estão sempre mettidas uma com outra . sempre a cochichar , a chorar de companhia ! . . . — Emfim , não entendo , não entendo ; e o melhor é não pensarmos nisso. — Oh ! se aqui estivesse o meu conselheiro , aquelle bom Fr. Eusebio ! . . . Mas , está lá mettido em seu convento de Lisboa ; e nem duas regras , nem uma lembrança ! Ingrato ! — Na verdade , não andava muito bom de saude ; talvez já tenha morrido ; e , neste caso , merece toda a desculpa.

SCENA VI.

GOVERNADOR ; D. RODRIGO ; depois
THEODORA.

GOVERNADOR.

Perdoai-me , Sr. D. Rodrigo . . .

RODRIGO.

O Sr. Governador !

GOVERNADOR.

Ainda este titulo ! — Já vol-o disse , para vós , não

quero ser o Sr. Governador ; peço-vos que me chaméis Affonso.

RODRIGO.

Quasi que poderia chamar-vos genro.

GOVERNADOR.

Todos já chegaram , e todos perguntam por vós.

RODRIGO.

E todos me hão-de desculpar ; que , em tal dia , não me póde faltar occupação. Eu estava entretido com o festejo ; e julgo que ha-de ser fallado.—Ora, Sr. Go. . . Sr. D. Affonso, pensar que se quizesseis esperar mais tres ou quatro dias , el-rei poderia assistir ao vosso casamento ; e então , que gloria para vós , e para mim !

GOVERNADOR.

Não ha duvida ; mas , tres dias , eram para mim tres seculos.

RODRIGO.

Comprehendo , e não vol-o posso levar a mal.

GOVERNADOR , *receioso*.

A Sra. D. Branca....

RODRIGO.

A proposito chegastes , pois deseja fallar a sós convosco.

GOVERNADOR.

Comigo ? !

RODRIGO.

Convosco. De que vos admirais ?

GOVERNADOR.

Eu ? . . . De nada. O prazer . . .

RODRIGO.

A felicidade . . . Já sei. No meu tempo, o prazer, a felicidade davam para rir , cantar e pular ; porém agora , é outra cousa.

THEODORA, *de fóra.* •

Largue-me ! Sr. Jeronymo !

RODRIGO.

Ainda aquelle maroto ! (*Chamando a Theodora, que passa pelo fundo.*) O' Theodora ! que diabo é isto ?

THEODORA.

Sr. meu amo ! se me não livram daquelle homem, ver-me-hei obrigada a sahir de vossa casa.— Um beijo ! meu amo ; um beijo ! na minha face ! (*Alimpa a cara.*)

RODRIGO.

Ah ! picaro ! has-de casar, e eu te hei-de quebrar esta bengala nas costas.— Anda, vai dizer á tua ama que está aqui o Sr. Go. . . . o Sr. D. Affonso á sua espera.

THEODORA.

Sim, senhor.— (*Sahindo.*) Um beijo ! um beijo !

RODRIGO.

Eu vos deixo ; vou ter com a companhia ; e logo que estiver acabada a conferencia, iremos para a capella.— Sem mais. (*Parando á porta, e olhando para o Governador, que ficou pensativo.*) Está com effeito muito alegre ! Mas, se todos se alegram por tal modo, tudo acaba em completa choradeira !

(*Sahe.*)

SCENA VII.

GOVERNADOR.

Fallar-me. . . . fallar-me. . . . Que me vai ella dizer ? — Estou tão perturbado, que, se attentassem em mim. . . . E ainda agora, em presença daquelle velho. . . . Vamos ! sangue frio ! Que posso temer ? De nada desconfiam. Isabel recebeu a carta.

e eu recebi o retrato. Eduardo, morto; uma das testemunhas, também morta; Mata-Lobos e o carcereiro, longe de Portugal. Estou pois bem seguro; e amanhã, que digo? esta noite, Branca será minha! minha! Oh! que este pensamento me faz enlouquecer! — Fugi! fugi para longe de mim, lembranças importunas! O passado já está longe, já não existe; e o futuro está aberto diante de mim! — Oh! sim! ha-de perdoar-me, ha-de perdoar-me um dia; esse perdão, que nunca concederia ao amante, que nunca concederia ao marido, não o poderá recusar ao pai de seus filhos; e entretanto ella será minha, sempre minha! — Só aquella mulher, aquella mãe. . . . Sua presença incommoda-me; tenho medo de encontrar as suas vistas. Mas, ha-de partir, ha-de correr atraz do seu filho. . . . Oh! se ella o pudesse alcançar! . . . — Eil-a!

SCENA VIII.

GOVERNADOR, D. BRANCA.

(D. Branca entra com passo lento; sua physionomia revestio-se de uma expressão gelada.)

GOVERNADOR.

Senhora. . . . D Branca. . . . amada Branca! — permitti que assim vos falle. — No momento em que vão unir-se os nossos destinos, quizestes fallar-me em particular, e assim prevenistes o mais ardente dos meus desejos. Sim! folgo de ter este momento, a sós comvosco. não para dizer-vos quanto sois de mim amada, mas. . . .

BRANCA.

Cala-te! e escuta. — Eduardo. . . . *(Movimento do Governador.)* Oh! descansa; brevemente cessarei de pronunciar este nome, porque serei esposa de outro. — Eduardo foi victima da mais execravel maquinação. Já o cadafalso se levantava para elle;

ia morrer morte affrontosa. . . . mas, eu estava certa da sua innocencia , e ainda me restava uma consolação — unir-me a elle na beira do sepulchro ; nesses breves instantes que o separavam da eternidade , embriagal-o de meu amor, abrir-lhe o paraizo sobre a terra ; e depois , seguir ao cadafalso o meu esposo, ajoelhar ao pé d'elle, bradar-lhe até o derradeiro instante : — Eduardo ! eu te amo ! eu te amo ! — e morrer com elle ; porque, com o mesmo golpe, duas almas teriam voado para o céo !!!

GOVERNADOR, *á parte.*

Oh ! que já nesta vida começa o meu inferno !

BRANCA.

Apresentou-se-me um homem , que me disse : — Sé minha , e teu amante será salvo — ; e ainda estremecia de horror , quando um grito terrivel , despedaçador , um grito sahido do mais intimo das entranhas , retumbou em meus ouvidos — E meu filho ! — Abaixo a vista Era uma mulher , era uma mãe , que de rojo a meus pés , o rosto lavado em lagrimas , os braços estendidos para mim , com aquelle accento que só póde sahir do peito de uma mãe , me bradava : — Salvai ! salvai meu filho !!! — E seu filho foi salvo ; ha-de abraçar sua mãe ; ha-de viver longos annos com sua mãe ; talvez se esqueçam de mim E eu eu serei vossa !

GOVERNADOR, *á parte.*

Oh ! que esperanza ! (*Alto.*) E não fugireis de mim ?

BRANCA.

Fugir ! de quem ? de meu marido ? !

GOVERNADOR.

Obrigado ! obrigado !

BRANCA.

Não serei vossa esposa á face do céo ?

GOVERNADOR.

Oh! sim! á face do céu!

BRANCA.

Escuta! e vê se esperavas achar em mim tanta docilidade. — Tu tramaste cobardemente a ruina de Eduardo.

GOVERNADOR, *supplicante.*

Branca!

BRANCA.

Tu foste quem do auge da felicidade arremessou-me neste inferno.

GOVERNADOR.

Não mais!

BRANCA.

E comtudo... não! não te fugirei! — Olha! além, o altar; ali, a camara nupcial. Esta noite, serás feliz; esta noite, gozarás o fructo de teu crime; esta noite, serei tua; esta noite, apertarás em teus braços... — um cadaver! (*Sahe.*)

SCENA IX.

GOVERNADOR.

Que diz ella? — Oh! já tudo percebo! Ha-de matar-se! matar-se! E eu... perdido! perdido o fructo do meu crime! — Oh! não! não ha-de ser assim! não me ha-de fugir a minha prêa! não serei condemnado a dous infernos! e corro a prevenir... Que faço? Provocar uma explicação; arrancar do seu peito o seu segredo! E el-rei! el-rei! que daqui a tres dias... (*Musica piano-piano.*) Eil-os que chegam! e entretanto... Que direi? que farei? que resolverei? — Eduardo! Eduardo! dorme em paz em teu tumulo... estás vingado! (*Musica mais forte.*)

SCENA X.

GOVERNADOR, D. BRANCA, D. ISABEL,
D. RODRIGO, THEODORA; CONVIDADOS;
CRIADOS; depois JERONYMO.

RODRIGO.

Vinde, vinde para aqui. Antes da cerimonia, e em presença de vós todos, quero dirigir-lhe algumas palavras. Onde está minha filha?

BRANCA, *sahindo do seu aposento.*

Em vossos braços.

RODRIGO.

Minha Branca! minha filha! Já está proximo o momento da separação; e quero que seja solemne a nossa despedida. D'ora em diante, tristes, bem tristes hão-de arrastar-se os dias da minha velhice, porque, contigo, perco o unico objecto que m'os podia aformosear. Mas emfim, não podia durar sempre; e agora, só me resta agradecer-te esse amor de filha, com que retribuiste a ternura de teu tio; agradecer-te o teu incessante desvelo, esses cuidados, essas attenções de todos os instantes, com que sabias fazer-me a vida tão suave! — Ao menos, não seremos separados nem por mares nem por terras; ver-nos-hemos a miudo; irei passar contigo longas horas; ainda passarei descansado no braço de minha filha; e minha filha é quem me ha-de fechar os olhos! (*Abraça Branca.*)

BRANCA, *á parte, com anxiedade.*

Meu Deos! meu Deos!

GOVERNADOR, *á parte.*

Oh! não se ha-de matar!

RODRIGO.

Ora, já se vio maior despropósito? — Não estou eu a chorar, no dia do teu casamento? (*A' parte.*) Será

tambem o excesso da alegria? — (*Alto.*) Sr. Governador! eu vol-a entrego; e tenho a vaidade de dizer-vos, que não é pequeno o presente que vos faço. Fazei-a feliz, tão feliz como ella o merece, e dou-me por satisfeito. — E agora, vamos!

JERONYMO, *de fóra.*

Meu amo! meu amo! (*Entrando.*) É elle! é elle!

RODRIGO.

Elle? quem?

JERONYMO.

Pois quem havia de ser?

(*Entra o frade.*)

TODOS.

Fr. Eusebio!!!

SCENA XI.

OS MESMOS, FR. EUSEBIO.

RODRIGO.

Fr. Eusebio! por cá! e a estas horas! — D'onde vindes? a que vindes? como vindes?

EUSEBIO, *sorrindo-se.*

Fazeis-me tantas perguntas a um tempo, que não sei a qual dellas responderei primeiro.

RODRIGO.

Pois é melhor que não respondais a nenhuma: tempo teremos, e de sobejo. Sede muito bem apparecido; e já que estais aqui, haveis de assistir ao casamento de minha Branca com o Sr. Governador.

EUSEBIO.

Com toda a satisfação.

RODRIGO.

Só esperavamos por vós. Google

EUSEBIO.

Mas , primeiro , haveis permittir que faça uma revelação assaz importante.

(*Suspensão.*)

GOVERNADOR , á parte.

Que será ? !

RODRIGO.

Fallai.

EUSEBIO.

Perante vós todos que me ouvis , perante o céo que tambem me ouve , digo , affirmo , e hei-de sustentar , que foi falsamente accusado , injustamente condemnado , o cavalleiro Eduardo de Mendonça !

ISABEL , a Branca.

Branca ! ouves ? !

(*Branca , podendo apenas senhorear sua emoção , aperta o braço de Isabel. — Todos prestam a maior attenção , e , por seus gestos , mostram tomar o mais vivo interesse no que se passa. O Governador fica extatico.*)

RODRIGO.

E podeis proval-o ?

EUSEBIO.

Sim ! — Torno a dizel-o , falsamente accusado , injustamente condemnado. — Um homem , porém , houve que , depois de haver tecido o mais abominavel enredo , chamou-lhe assassino , comprou testemunhas , e fel-o condemnar.

(*Assombro geral.*)

ISABEL.

Justiça Divina ! (*A todos.*) Vós o ouvis !

RODRIGO.

Sr. Governador ! estais incommodado ?

EUSEBIO.

Ainda não é tudo.— Vendo que não havia outro meio de conseguir seu infernal intento, abre-lhe as portas da prisão, restitue-lhe a liberdade.... a liberdade!... para depois mandal-o assassinar!!!

ISABEL.

Meu filho! meu Eduardo! assassinado?!!

TODOS.

E esse homem?!

EUSEBIO, *apontando para o Governador.*
Ali o tendes!

TODOS.

D. Affonso!!!

GOVERNADOR.

Quem não vê que este homem está demente?!

EUSEBIO.

Oh! estivesseis tão sã da consciencia quanto eu do espirito!— (*Terrivel.*) Se não sois culpado, porque tremeis?

GOVERNADOR.

Sim! tremo; mas é de raiva! é de indignação!— Quem haverá que possa sustentar....

MATA-LOBOS, *entrando.*

Eu!

SCENA XII.

OS MESMOS, MATA-LOBOS.

MATA-LOBOS.

Eu! que, mandado por ti, descarreguei o golpe!
(*Arremessa um punhal aos pés do Governador.*)

ISABEL.

Morto! morto!

GOVERNADOR.

Oh ! tudo agora comprehendo ! Um monstruoso trama . . . urdido contra mim , para perder-me ! Mas , juro por Deos que sobre a cabeça dos malvados ha-de recahir a pena da sua infamia. Amanhã , no palacio do governo , em presença de todos , hei-de fazer mentir os impostores ! e entretanto , sejam apprehendidos , para que hajam de sustentar a accusação , e sobretudo , para que não possam subtrahir-se ao castigo !

EUSEBIO.

Sr. Governador , haveis-de justificar-vos , e muito folgarei de vos ouvir ; mas , se o podeis fazer , para que esperar até amanhã ? Muito caminho se anda em uma noite , Sr. Governador.

GOVERNADOR, *furioso.*

Padre ! padre ! é muito abusar do teu character !... e treme !...

EUSEBIO, *com voz atroadora.*

Miserável ! tu és quem deve tremer !

(Isto dizendo , despe o habito ; e , no mesmo ponto , rompe pelas tres portas do fundo uma multidão de homens d'armas , á frente dos quaes está Benedicto).

TODOS, *recuando espavoridos.*

El-rei ! El-rei !

GOVERNADOR.

Estou perdido !

(Puxa de um punhal para ferir-se. El-rei salta-lhe em cima , e lh'o arranca. No mesmo instante , o Governador é desarmado por alguns guardas.)

REI.

Não ! não é assim que has-de acabar ! é na praça publica , é em presença de todo o povo , depois de haveres sido degradado , esbofeteado pelo algoz , que

tua cabeça ha-de cahir debaixo do cutello , e rolar pelos degrãos do cadafalso ! — O' vergonha ! ó perversidade ! Aquelles em quem depositei minha confiança , aquelles a quem pertence velar pela rigorosa observancia das leis , aquelles a quem sua elevada posição impõe o dever de dar aos outros o exemplo , são os mesmos que , para satisfazer sua infame co-biça , ou seus torpes appetites , se tornam os flagellos do meu povo !!! (*Terrivel.*) Mas , tremam ! tremam de mim os malvados ! que nada os poderá subtrahir á minha inexoravel justiça ! (*Quasi delirante.*) Sim ! hei-de decepar as mil cabeças da hydra ! hei-de purificar Portugal com o ferro e com a chamma ! hei-de estancar nas veias de Portugal todo o seu sangue corrupto !!! — (*Vendo que os circumstantes se arredaram.*) Porque vos arredais ? porque fugis ? Fui para vós um tyranno ? flagellei-vos com guerras inuteis ? persegui a innocencia ? enchi á vossa custa os meus thesouros ? roubei vossas irmãs ou vossas filhas ? — Respondei ! — Não ! muito pelo contrario ! Fiz florescer em Portugal a paz e a justiça ; diminui os impostos ; derramei por toda a parte a abundancia ; servi de escudo aos pequenos contra a prepotencia dos grandes. Sentinella collocada por Deos , tenho velado de continuo pela felicidade de meu povo ; e se fui implacavel , foi sómente com o crime !

ISABEL, *que pouco a pouco tornou a si.*

Mas meu filho ! meu filho !

BRANCA.

Sim ! Eduardo ? !!

RUI.

Abraçaí vosso filho , vosso esposo !

SCENA XIII.

OS MESMOS, EDUARDO.

EDUARDO.

Minha mãe ! — Branca !

ISABEL.

Meu filho!!!

RODRIGO, BRANCA.

(Ao mesmo tempo.)

Eduardo!!!

ISABEL.

Sim ! é elle ! meu filho ! meu Eduardo ! — Ah ! a seus pés ! *(Pega pela mão a Eduardo e a Branca, e vai lançar-se com elles aos pés d'el-rei.)*

REI.

Levantai-vos ! Só a Deos se ajoelha ! — Pobre mãe ! quem deixaria de compadecer-se de ti ? como não havia de velar pelo teu filho , quando o mesmo scelerado *(A Mata-Lobos.)* Approxima-te , miseravel. Dize , o que foi que , no mesmo dia da condemnação , te impellio a revelar-me tudo ?

MATA-LOBOS.

Não procurarei justificar-me. Sou um salteador , um assassino ; e deixal-o-ia subir ao cadafalso , cravar a punhal no seio de minha victima , porque sou um malvado , um assassino. Mas , esse manco , tinha uma mãe . . . e lembrou-me a minha ! *(Assombro geral. — Mata-Lobos ergue os olhos ao céu, e continúa em tom mais baixo) :* O' minha mãe ! lá , na celeste morada , que sem duvida habitais , pedi , pedi a Deos por vosso filho ! — *(Arremessando aos pés do Governador uma bolsa.)* Aqui tendes o vosso dinheiro !

JERONYMO , á parte.

Bom proveito !

REI.

Vede! nessa creatura abandonada de Deos, naquella coração empedernido, ainda sobrevive um affecto, ainda existe uma corda, que póde fazer vibrar um sentimento humano! (*Ao Governador.*) E tu! malvado! — Oh! affastai! affastai de mim aquella féra! (*Com expressão horrivel.*) Até logo!...
(*Alguns guardas levam para fóra o Governador.*)

BRANCA.

Senhor! piedade....

REI.

Silencio!!!

MATA-LOBOS.

Senhor! uma unica palavra. Eu nada disse a el-rei; tudo revelei a Fr. Eusebio, debaixo do segredo da confissão.

REI.

E Fr. Eusebio foi discreto: a teu respeito, el-rei nada sabe; mas, poderia sabel-o, e então.....
(*Vai escrever algumas linhas.*)

THEODORA, *baixo, e puxando pela carta.*

E agora....

JERONYMO, *baixo, e segurando-lhe no braço.*

O' demonio!...

THEODORA.

Então?

JERONYMO, *dando-lhe a mão.*

Aqui a tens. Commutação de pena: galés perpetuas!

REI.

(*Dando a Mata-Lobos o papel que acaba d'escrever.*)

Toma! foge! E a promessa que fizeste a Fr. Eusebio....

MATA-LOBOS.

Hei-de cumpril-a!!! (*Sahe.*)

REI.

(*A Isabel, Eduardo, Branca e Rodrigo, que formam um grupo separado.*)

E vós. . . vivei felizes! — Por mim, pouco tempo me resta sobre a terra. Ella me chama. . . ella me chama. . . e não ha-de chamar-me muito tempo. — Ouvi. Desvairou-me um excessivo amor da justiça; e brevemente, quando o espirito houver abandonado a sua prisão terrestre, em torno dos restos inanimados daquelle que já foi um rei, um clamor se levantará. Dirão que nem sempre proporcionei os castigos aos delictos, que fui precipitado, que era ainda mais sanguinario do que justo. . . E vós, vós lhes direis: — que se fui implacavel, é porque assim me fizeram; que este coração dilacerado não era inacessivel á piedade; (*unindo as mãos de Eduardo e Branca*) que eu me comprazia em derramar sobre os outros essa mesma felicidade que nunca mais. . .

ISABEL.

Vós chorais! . . .

REI.

Eu não tinha nascido cruel. Os malvados. . . — Ignez! ó Ignez! — E. . . podereis accrescentar. . . que vistes chorar Pedro-o-Justiceiro!

TODOS.

Real! Real! por D. Pedro, alto rei de Portugal!!!

FIM DO DRAMA.

SAL 9145.75.110

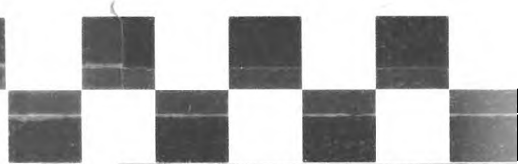
Tres amores; ou, O governador de Br

Widener Library

004742100



3 2044 080 675 267



SAL 9145.75.110

Tres amores; ou, O governador de Br

Widener Library

004742100



3 2044 080 675 267